



**RA**  
REVISTA  
ADVENTISTA

# A *Nova* Aliança

**12**

ENCONTRAR NOVOS  
CAMINHOS NA MISSÃO  
Um grande desafio!

**17**

A MATEMÁTICA  
DE DEUS  
Faça as contas.

**19**

LIÇÕES DE  
GUERRA  
Aprenda-as!



1 646188 623083

PUBLICADORA SERVIR  
AGOSTO 2023  
N. 915 | ANO 84 | €1,90



**"Eis que cedo venho."** A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL [revista.adventista@pservir.pt](mailto:revista.adventista@pservir.pt)

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES  
[assinaturas@pservir.pt](mailto:assinaturas@pservir.pt) | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão**

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.

## agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
30	31	1	2	3	4	5
6	[7]	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	1	2

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**10-20** ACNAC COMPANHEIROS E EMBAIXADORES

**17-27** ALIANÇA

**20-29** ACNAC FAMÍLIAS | ACNAC DE MÚSICOS

**20-27** ACNAC EXPLORADORES

**20-27** IMPACTO

**28** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

31/7-4/8 UNIÃO BÚLGARA (BGU)

7-11 CASA PUBLICADORA EDIZIO-NI ADV (ITU)

14-18 ASSOCIAÇÃO DA MUNTÉNIA (ROU)

21-25 ASSOCIAÇÃO BERLIM-ALE-MANHA CENTRAL (NGU)

28/8-1/9 LAPI (PTU-EUD)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[7] SEGUNDA-FEIRA

## setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	31	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	[18]	19	20	21	22	23
24	[25]	26	27	28	29	30

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**3** ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES DE MORDOMIA | MADEIRA E AÇORES

**10** DIA NACIONAL DE ORAÇÃO PELAS FAMÍLIAS

**17** SAL

**23** JORNADAS JA E DIA MUNDIAL DO DESBRAVADOR (PT)

**23** UNITALKS EM CONJUNTO COM AS JORNADAS JA

**24** DIA NACIONAL DO VOLUNTARIADO (ADRA E JA)

**25** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

**29/9-1/10** CONVENÇÃO DE EDUCAÇÃO (CE)

**29/9-2/10** ENCONTRO 60+

**30** JORNADA DA SAÚDE ADVENTISTA

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

4-8 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRIEDENSAU (EUD)

11-15 ASSOCIAÇÃO DO SUL DA FRANÇA (FBU)

18-22 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO SUL (ROU)

25-29 ASSOCIAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (CSU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[18] SEGUNDA-FEIRA

[25] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

# Índice

## 04

**EDITORIAL**

**A Nova Aliança**

## 05

**BANCO DE LEITURA**

**Testemunhas Oculares**

*Um livro importante!*

## 06

**TEOLOGIA**

**O que É Novo na Nova Aliança?**

*Como compreender a diferença entre a velha e a nova alianças?*

## 12

**HISTÓRIA ADVENTISTA**

**Encontrar Novos Caminhos na Missão**

*O desafio missionário que a nossa Igreja enfrenta.*

## 17

**REFLEXÃO**

**A Matemática de Deus**

*Como podemos alcançar justiça a 100%?*

## 19

**HISTÓRIA**

**Lições de Guerra**

*Reflexão sobre uma jovem judia.*

## 27

**BÍBLIA**

**Ester para Crescidos**

*Conheça melhor o livro de Ester.*

## 34

**PÁGINA DA FAMÍLIA**

**O que Há de Novo na Aliança Matrimonial?**

*A novidade essencial do casamento cristão.*

## 36

**ESPAÇO JUVENIL**

**O que Há de Novo na Nova Aliança?**

*Vem descobrir a Nova Aliança!*

## 40

**ESPÍRITO DE PROFECIA**

**A Nova Velha Aliança**

*A perspectiva de Ellen G. White sobre a Nova Aliança.*

## 41

**DESCANSOU NO SENHOR**

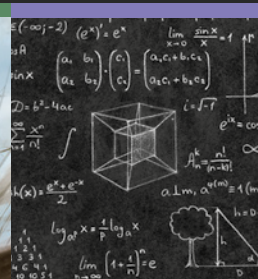
**Vida e Obra do**

**Pastor Joaquim Maria Casquinha**

*O testemunho sobre um Obreiro consagrado ao Senhor.*

## 45

**NOTÍCIAS INTERNACIONAIS E NACIONAIS**





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

# A Nova Aliança

Um pacto é um acordo contratual entre duas partes. “Muitos dos pactos na Bíblia são entre Deus e uma pessoa, mas os pactos entre seres humanos também são comuns.”<sup>1</sup>

A premissa original da/do “aliança/pacto” não mudou com o tempo. Contudo, cada vez que a aliança foi oferecida, a Humanidade, devido à sua natureza corrompida e pecaminosa, quebrou o acordo. Mas Deus não desistiu de nós. Ele ainda nos oferece salvação, se decidirmos aceitá-la. “Um concerto é um acordo pelo qual as partes assumem compromissos, em relação mútua, de obedecerem a certas condições.”<sup>2</sup> “Uma aliança entre Deus e o Seu povo é antecipada no Antigo Testamento (Jer. 31:31) e cumprida no Novo Testamento (Luc. 22:20; I Cor. 11:25; Heb. 9:15; 12:24). A Nova Aliança envolve o perdão dos pecados, a transformação espiritual e o cumprimento das promessas de Deus a Israel.”<sup>3</sup>

É uma expressão do amor incondicional de Deus, a oferecer um novo começo para todos os que creem n’Ele. Por meio da Sua vida, da Sua morte e da Sua ressurreição, Jesus estabeleceu uma aliança eterna que nos liberta do poder do pecado e nos reconcilia com Deus. “O trabalho do Espírito traz transformação e novo nascimento.”<sup>4</sup>

Esta Nova Aliança leva-nos a uma compreensão mais profunda do caráter de Deus. Ela revela a Sua graça abundante e a Sua disposição de perdoar, restaurar e transformar vidas. Ao entrarmos nessa Nova Aliança, experimentamos a maravilhosa verdade de que somos amados, aceites e capacitados pelo poder do Espírito Santo. Não é maravilhoso?

A Nova Aliança não é apenas um evento histórico, mas é também uma realidade presente na nossa vida quotidiana. Ela convida-nos a vivermos de acordo com os princípios do Reino de Deus, a amarmos Deus de todo o coração e o próximo como a nós mesmos. Essa Nova Aliança desafia-nos a vivermos uma vida de obediência, santidade e serviço. “Vinde, e unamo-nos ao Senhor, em aliança eterna que jamais será esquecida.”<sup>5</sup>

Quer aceitar este convite do Senhor e viver cada dia debaixo dessa aliança?

<sup>1</sup> Jessica Parks, *All the Covenants in the Bible, Faithlife Biblical and Theological Lists*, Bellingham, WA: Faithlife, 2021.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *A Maravilhosa Graça de Deus*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2017, p. 155.

<sup>3</sup> Abner Chou, “New Covenant”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary*, Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> Jeremias 50:5.

## Testemunhas Oculares

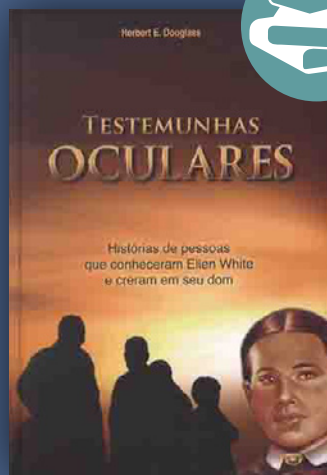
Herbert E. Douglass

Para estar firme na sua fé, o Adventista do Sétimo Dia precisa de ter uma noção correta da importância decisiva do ministério de Ellen G. White para a validação profética da sua Igreja. Sem uma fé forte no Espírito de Profecia, o crente fica à mercê dos ataques subtis de Satanás, que tenta por todos os meios levar à apostasia o maior número possível de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O livro de Herbert E. Douglass de que lhe quero falar aqui é uma ferramenta importante para fortalecer a confiança no dom profético oferecido por Deus à Sua Igreja na pessoa de Ellen G. White. Ao ler histórias de pessoas que conheceram a mensageira do Senhor e creram no seu dom, o Leitor perceberá como era real a inspiração sobrenatural subjacente aos conselhos dados por Ellen G. White àqueles com quem ela contactava no seu ministério.

Este livro está dividido em duas secções. A primeira expõe as mensagens inspiradas partilhadas com pessoas necessitadas de orientação, que, em consequência, nunca mais foram as mesmas. A segunda apresenta as intervenções igualmente inspiradas que mantiveram a Igreja no rumo certo.

Na primeira secção, temos quinze testemunhos que mostram o resultado da intervenção direta da serva do Senhor junto de determinados indivíduos. Assim, temos o conselho inspirado que previu a triste apostasia do Pastor Dudley Canright, que salvou da apostasia N. D. Faulkhead ou que provou ao jovem



pregador Daniel Bourdeau a autenticidade do dom profético dado à Igreja Remanescente.

Na segunda secção, temos nove testemunhos que comprovam a extraordinária influência do conselho de Ellen G. White na promoção do avanço da nossa Igreja. Desde a acesa luta em favor da temperança até ao testemunho que salvou o Tabernáculo de Battle Creek, passando pelo modo como foi enfrentada a crise panteísta que assolou a Igreja no início do século XX, temos amplas provas do modo como Deus usou a Sua serva para conduzir pelo caminho certo a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Hoje não contamos com uma profetisa viva para orientar e aconselhar a nossa Igreja. Mas temos ainda os valiosos escritos do Espírito de Profecia. No entanto, estes de nada valerão, se não tivermos confiança e fé na sua inspiração divina. Para isto, é necessário crer que Ellen G. White foi chamada por Deus para ser a Sua mensageira para a Igreja Remanescente. Este livro fornece pistas para sustentar tal crença. É por isso, caro Leitor, que não hesito em recomendar-lhe esta obra. Não hesite também em adquiri-la. Ela fará a diferença na sua vida espiritual.

# O que é novo na Nova Aliança?



Jiří Moskala  
Teólogo

*Retirado da revista  
Ministry de abril de  
2023.*

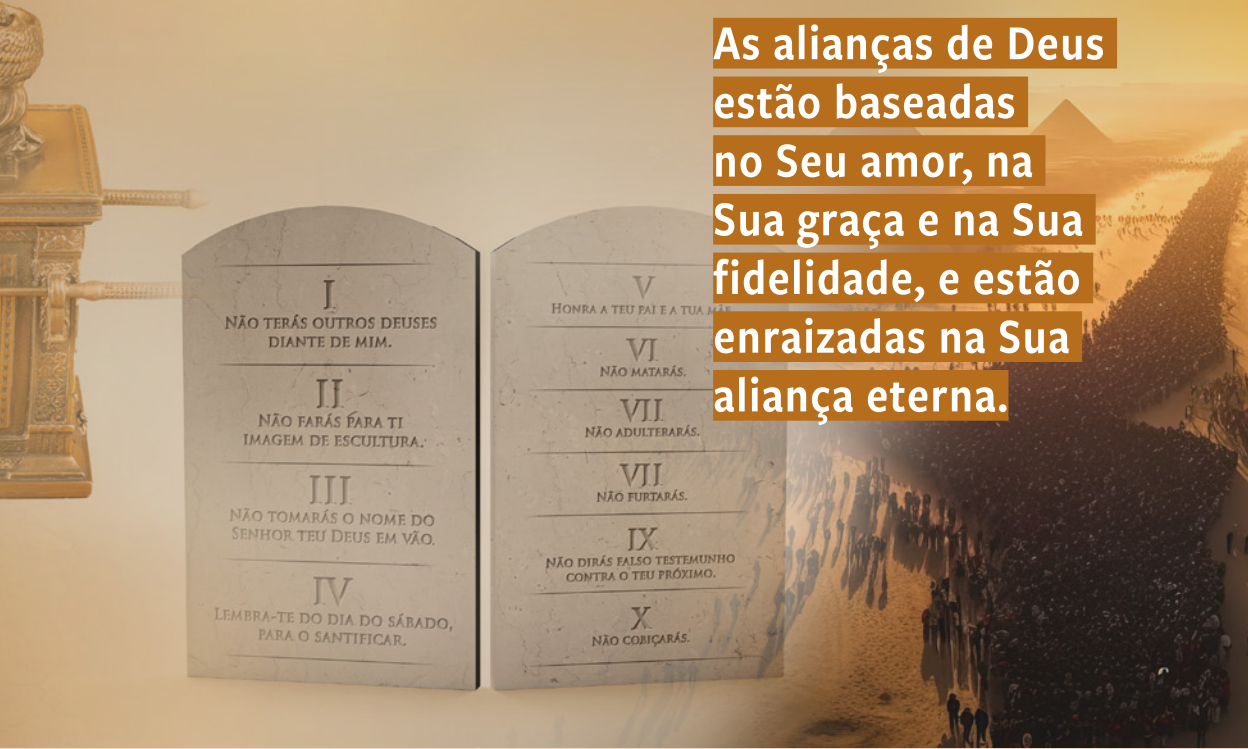
Uma aliança bíblica é o estabelecimento legal de uma relação entre Deus e o Seu povo. Deus toma a iniciativa, institui esta relação e garante-a. As Suas alianças estão baseadas no Seu amor, na Sua graça e na Sua fidelidade, e estão enraizadas na Sua aliança eterna – estabelecida no interior da Trindade antes da fundação do mundo – que se destinava a salvar a Humanidade, caso ela caísse no pecado (Efésios 1:3 e 4; II Timóteo 1:9; Tito 1:2; I Pedro 1:20; Apocalipse 13:8).<sup>1</sup>

O autor de Hebreus, que se pensa usualmente ter sido o apóstolo Paulo, distingue entre a “primeira” e a “nova” alianças; ele declara que, se nada tivesse sido “deficiente” ou “inadequado” na primeira aliança, a “segunda”, ou “nova”, aliança não teria sido necessária. Paulo discute a nova aliança no contexto do

ministério de Cristo no Santuário celeste como nosso Sumo-Sacerdote, em comparação com os serviços do santuário no tabernáculo terrestre, em que figuravam os sacrifícios animais e o sacerdócio levítico. Ele fala sobre a “melhor aliança” (Hebreus 7:22; 8:6) e diz que esta aliança melhor é a “nova aliança” (Hebreus 8:8; 9:15; 12:24; [veja também Lucas 22:20; I Coríntios 11:25; II Coríntios 3:6], ou a “segunda” aliança, Hebreus 8:7). O adjetivo-chave “melhor” é um comparativo de “bom”; assim, Paulo compara a primeira aliança, que era “boa”, com a nova aliança, que é “melhor”.

## **Qual é a aliança que Paulo refere primeiro?**

O que quer Paulo dizer com “a primeira aliança”? (A frase completa é usada apenas em Hebreus 9:15, mas



As alianças de Deus estão baseadas no Seu amor, na Sua graça e na Sua fidelidade, e estão enraizadas na Sua aliança eterna.

veja-se também Hebreus 8:7, 13; 9:1, 18.) Em Hebreus, Paulo nunca usa o termo *antiga aliança* para descrever a primeira aliança (ele usa a expressão *antiga aliança* apenas em II Coríntios 3:14). O Senhor explica que a nova aliança não será “segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os conduzir até fora da terra do Egito” (Hebreus 8:9, *ARA*). A referência remete para a aliança sináutica ou mosaica, que Deus fez com Israel depois do Êxodo (Êxodo 19-24). Esta aliança foi estabelecida no Monte Sinai (Êxodo 19:3-8; Hebreus 12:18-21), ratificada pelo sangue de sacrifícios animais (Êxodo 24:4-8) e renovada pelo Senhor misericordioso depois da apostasia à volta do bezerro de ouro (Êxodo 34:6 e 7, 10 e 11). Paulo fala sobre esta experiência do Sinai em Hebreus 9:18-20, e Jeremias, tam-

bém, contrasta a nova aliança com a aliança do Sinai (Jeremias 31:32). Assim, a primeira aliança que é referida por Paulo não é a aliança com Adão, Noé ou Abraão, mas sim a aliança com Israel no Monte Sinai. Paulo também declarou claramente: “Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre” (Hebreus 9:1, *ARA*).

Assim, no contexto da discussão de Paulo sobre as alianças em Hebreus, a primeira aliança tinha duas partes

***A primeira aliança que é referida por Paulo não é a aliança com Adão, Noé ou Abraão, mas sim a aliança com Israel no Monte Sinai.***



inseparáveis: (a) a parte cerimonial ou cultural – o sistema sacrificial com as suas regras, e (b) a parte moral ou espiritual, com as quatro promessas intemporais de Deus. Estes quatro elementos já tinham sido dados por Deus a Israel no Sinai (e mesmo antes, já que são princípios-chave ou promessas para uma vida espiritual harmoniosa) e foram novamente enfatizados pelos profetas: (1) a presença e o cultivo da Lei de Deus no coração e na mente (Êxodo 20:2, 6; Deuteronómio 6:5-8; 30:11-14; Josué 1:6-9; Salmos 1; 37:30 e 31; Provérbios 3:4-7; Isaías 51:7); (2) o relacionamento chegado de aliança com o Senhor (Êxodo 6:6 e 7; Levítico 26:12); (3) o conhecimento existencial do Senhor (Êxodo 16:6; 29:46; 33:13); e (4) o perdão dos pecados (Êxodo 20:6; 34:6 e 7; Salmos 32:1 e 2; 51:1-4, 10-12; Isaías 1:19 e 20). Este conteúdo da nova aliança não era nada de novo; era apenas o apelo renovado para interiorizar a Lei de Deus, sublinhando assim a continuidade desta aliança. Isto é exatamente o que Jesus estava a fazer no Sermão da Montanha, quando explicou o verdadeiro sentido

dos ensinamentos do Antigo Testamento (Mateus 5:17-48).

### O que estava a correr mal?

Paulo declara que, “se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda” (Hebreus 8:7, *ARA*). Quando refletimos sobre a primeira, ou antiga, aliança, muitos Cristãos assumem automaticamente que a aliança do Sinai era má. No entanto, o adjetivo “errada” que surge nalgumas traduções é uma tradução incorreta do grego *amemptos*, que significa “sem defeito”, “inculpável”. Não é “errada”, como traduziram os tradutores da *Nova Versão Internacional*.

Paulo argumenta que algo na primeira aliança era insuficiente, deficiente e ausente (vv. 7 e 8) – mas não errado. A primeira aliança era boa, mas era mais antiga e estava a envelhecer (v. 13) e tinha ordenanças “fracas e inúteis” (Hebreus 7:18, *ARA*). Foi caracterizada como estando “antiquada” (Hebreus 8:13; o verbo grego *palaioein* significa “declarar obsoleto”, “tornar ou tornar-se velho”), significando que a primeira



aliança estava a desaparecer e a envelhecer; assim, já não era relevante. Porquê?

A aliança do Sinai, com todas as suas cerimónias e com todos os seus sacrifícios específicos, era uma ilustração (Hebreus 9:9; cf. 8:5), uma lição objetiva, de como Deus salva as pessoas arrependidas, de como Ele lida com o pecado e de como destrói o pecado. Esta apresentação do Plano da Redenção de Deus incluía ferramentas de ensino que apontavam para Cristo Jesus. Requeria (1) oferecer sacrifícios e o sangue de animais, que não podiam perdoar os pecados (Hebreus 9:23; 10:4), nem trazer a perfeição, purificar a consciência do povo e assegurar a salvação (Hebreus 7:11; 9:9 e 10); (2) os serviços dos sacerdotes, que eram pecadores e mortais e que, conseqüentemente, tinham repetidamente de sacrificar em seu favor para além de sacrificarem em favor do povo (Hebreus 5:3; 7:23, 27; 9:7); (3) o sacerdócio levítico (Hebreus 7:5, 9, 11), em contraste com o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 6:20; 7:24, 26-28); e (4) ordenanças para o culto e um santuário terrestre (Hebreus 9:1). Assim, era idealizado um melhor santuário (Hebreus 8:1 e 2; 9:11 e 12); um melhor sacrifício e um melhor sangue eram oferecidos (Hebreus 9:12-15, 23, 25); um melhor fundamento de promessas era necessário (Hebreus 8:6); e uma melhor esperança era projetada (Hebreus 7:19).

Por outras palavras, não havia nada de errado com a própria aliança do Sinai. A nova aliança fazia parte da aliança eterna estabelecida por Deus com o Seu povo (Hebreus 13:20; cf. Isaías 55:3; Jeremias 50:4 e 5; Eze-

## *A aliança do Sinai, com todas as suas cerimónias e com todos os seus sacrifícios específicos, era uma ilustração de como Deus salva as pessoas arrependidas.*

quiel 37:26). Foi o próprio Senhor que iniciou e entrou numa relação de aliança com o povo. A falta também não estava do lado de Deus.

Em vez disso, o problema estava no modo como o povo recebera a aliança: “Deus achou falta [*memphomai*] no povo” (Hebreus 8:8). O povo transgrediu a primeira aliança, sendo essa a razão por que Deus estabeleceu a nova aliança (veja Êxodo 20:18-20; 32:4-6, 19 e 20; Levítico 17:7). Eles interpretaram a Lei de Deus meramente como uma ordem, algo a fazer para se ser justo e santo, em vez de guardarem os preceitos de Deus como gratidão pela Sua bondade para com eles. A obediência ao Decálogo tornou-se na realização de uma obra e na conformação com as estipulações de Deus, e o Decálogo não foi recebido como a Sua promessa. A Lei tornou-se num fardo, num dever exterior a observar, em vez de a sua prática ser a expressão da gratidão pela bondade de Deus.

### **O que há de novo na nova aliança?**

Primeiro, o que é novo na nova aliança

é a ratificação histórica da nova aliança pela morte de Jesus Cristo. Ele é o garante desta aliança (Hebreus 7:22), porque Ele garantiu e selou o perdão e a salvação para os Seus seguidores, bem como para os crentes que viveram durante os tempos do Antigo Testamento em antecipação da Cruz (Hebreus 9:15). Segundo, o sacrifício supremo de Jesus na cruz *cumpriu* o sistema sacrificial (Daniel 9:27<sup>a</sup>, Mateus 27:51; João 1:29; I João 2:2), pelo que os sacrifícios animais e o seu sangue, o sacerdócio levítico e o santuário terrestre já não eram necessários ou relevantes. Terceiro, isto significa que foram *somente* os elementos cerimoniais ou culturais da primeira aliança que deixaram de existir: os sacrifícios animais, o sacerdócio levítico e os serviços do santuário terrestre. Os sacrifícios oferecidos eram “inefazes para aperfeiçoar aquele que presta culto” (Hebreus 9:9, *ARA*), mas o sangue de Cristo era capaz de purificar “a nossa consciência de obras mortas” (v. 14, *ARA*; cf. 10:22). A imperfeição dos sacerdotes levitas é contrastada com a vida e com a obediência perfeitas de Jesus (Hebreus 2:10; 4:15; 5:8 e 9; 7:26). O ciclo dos perpétuos sacrifícios animais em favor do povo e dos sacerdotes tinha sido quebrado. O sacrifício de Jesus “uma vez por todas” é totalmente suficiente e traz salvação àqueles que creem n’Ele (Hebreus 7:27; 9:12, 26, 28; 10:10).

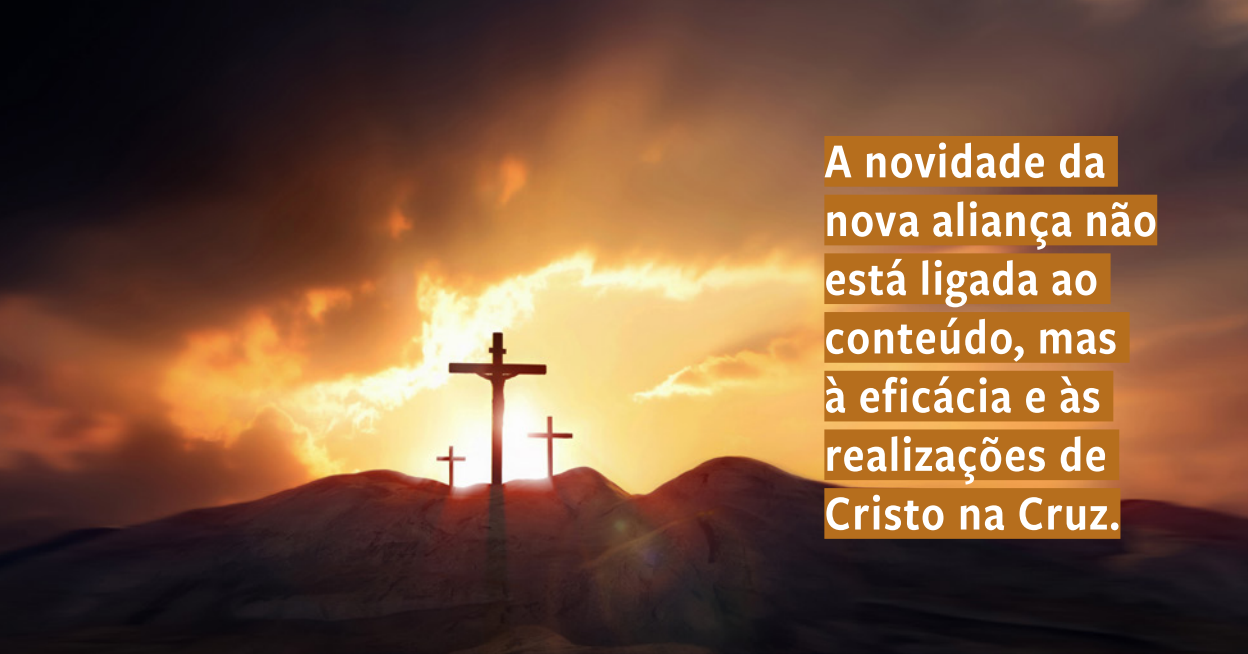
Assim, deve-se observar uma diferença entre os ritos externos e o conteúdo interior relacionado com a aliança mosaica. A parte cultural e cerimonial da primeira aliança era temporária: as ordenanças, os sacrifícios, os

sacerdotes e o santuário terrestre foram cumpridos pela morte de Cristo, porque Ele cumpriu o sistema sacrificial na Cruz (Daniel 9:27). Neste sentido, “remove o primeiro para estabelecer o segundo” (Hebreus 10:9, *ARA*; cf. 8:13). Deste ângulo, a descontinuidade é enfatizada no livro de Hebreus e a aliança é caracterizada como sendo “nova”.

No entanto, quanto ao conteúdo, nada há de novo na nova aliança, porque os mesmos quatro princípios ou as primeiras quatro promessas estão presentes em ambas as alianças. A Lei na nova aliança não é ab-rogada, mas, em vez disso, é interiorizada (Mateus 5:17-48), tal como o era no coração dos crentes do Antigo Testamento (*e.g.*, Deuterónimo 30:14; Salmos 37:30 e 31; 40:8; Isaías 51:7). A Lei de Deus é colocada no coração com um sentimento amorável e consciente. A obediência perfeita acontece apenas através de Cristo (Hebreus 2:10, 17; 4:15; 5:9; 10:5 e 6) e, n’Ele, é dada aos crentes (Hebreus 2:1, 11, 18). Esta perspectiva sublinha a continuidade dos quatro aspetos fundamentais da aliança do Sinai. O termo “novo” (em hebreu *khadash*; em grego *kainos*) deveria ser traduzido por “renovado” no contexto bíblico dado; o termo aponta para a *renovação* da intenção original da aliança que Deus fez com o Seu povo, e aponta também para a sua *continuidade*.

### Uma realidade histórica

A novidade da nova aliança não está ligada ao conteúdo, mas à eficácia e às realizações de Cristo na Cruz, onde Ele ratificou a aliança ao sacrificar a Sua vida como resgate por nós (He-



## A novidade da nova aliança não está ligada ao conteúdo, mas à eficácia e às realizações de Cristo na Cruz.

breus 9:15), tornando-se assim no garante da nova aliança (Hebreus 7:22). Ele é “o mediador da nova aliança” em que os crentes de todas as épocas históricas podem receber a “promessa da eterna herança” (Hebreus 9:15, *ARA*; 12:24). Ele ofereceu a Sua vida uma vez por todas como um sacrifício melhor, que garantiu o perdão para os nossos pecados. Aquilo que foi feito em antecipação no Antigo Testamento está agora historicamente seguro (Hebreus 9:15; cf. Romanos 3:22-26; Efésios 1:4; Apocalipse 13:8). Cristo morreu “uma vez por todas” (Hebreus 7:27), não repetidamente, como acontecia com as mortes dos animais, que não podiam garantir o perdão. Elas apenas apontavam para o perdão disponível mediante Jesus Cristo.

Embora já não estejamos sob as obrigações do santuário terrestre, as promessas de Deus são as mesmas em ambas as alianças: conhecer Deus pessoalmente, experimentar o perdão dos nossos pecados e receber a vida

eterna. Antes de a realidade ter vindo mediante Cristo Jesus, Deus deu aos Israelitas, através da aliança do Sinai, a ilustração do Plano da Redenção como uma lição objetiva para que eles pudessem compreender a natureza terrível do pecado e o modo como Deus salva os pecadores penitentes (Hebreus 9:9; cf. 8:5). A nova aliança é construída sobre um melhor santuário, um melhor sacrifício, um melhor sacerdócio e melhores promessas.

No centro da nova aliança ocorre esta declaração especial: “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (veja Apocalipse 21:3). Esta fórmula da aliança descreve a relação íntima de Deus com o Seu povo e convida-o a entrar nesta comunhão íntima de aliança com Ele, que continuará por toda a eternidade.

<sup>1</sup> Para uma análise mais detalhada, leia-se o meu artigo “The Newness of the New Covenant”, *Journal of the Adventist Theological Society* 32/1-2 (2021): 1-14, que contém referências e material adicional.



**Gilbert M. Valentine**  
*Historiador*

*Retirado da revista Adventist  
World de setembro de 2019.*

# Encontrar novos caminhos na missão

Quando John Andrews deixou Nova Iorque com destino à Suíça, a Igreja Adventista do Sétimo Dia entrou numa nova era, uma era de missão mundial.

Quando John Andrews, o estimado Pioneiro da Igreja, deixou Nova Iorque, em setembro de 1874, com destino à Suíça, acompanhado pelos seus dois filhos adolescentes, Mary e Charles, a Igreja Adventista do Sétimo Dia entrou numa nova era, uma era de missão mundial. Atravessar este rubicão não foi uma decisão fácil. Os líderes da Igreja avançaram e recuaram, quanto à necessidade da existência de uma missão estrangeira, por mais de um ano, antes de decidirem avançar para ela.

Andrews tinha sido um parceiro muito valioso de James White, um pouco como Melâncton tinha sido para Lutero. Ele era o “sistemizador” erudito da teologia Adventista. Poderia ele ser poupado? Por outro lado, o indisposto James White, por vezes, viu Andrews como um desafio à sua liderança. Será que o viúvo Andrews era realmente a melhor pessoa para ser enviada em missão, mesmo se ele era capaz de ler francês?

George Butler, Presidente da Conferência Geral, ajudou a cristalizar a decisão, e a partida de Andrews anunciou uma nova alvorada brilhante para a Igreja, embora durante a manhã desse novo dia uma névoa frequentemente esbatesse a sua luz. Problemas financeiros, problemas de saúde e incompreensões culturais abundavam.

### **Inocentes no estrangeiro**

Andrews tinha esperado que certas coisas se ajustassem quando ele chegasse a Neuchâtel, na Suíça, a encantadora cidade do lago que deveria ser o lugar da sua nova vida como mis-

sionário. Os planos supunham que os Sabatistas espalhados pela Europa, convertidos pelo pregador independente Michael Czechowski na década anterior, fornecessem ajudantes evangelizadores e fundos para a operação missionária.

O próprio Andrews não recebia um salário da Conferência Geral; era suposto que ele ganhasse rapidamente novos conversos que viessem a pagar o seu salário. Tornar-se autossustentado era o objetivo imediato.

Battle Creek pagou a sua passagem marítima através do Atlântico, mas Andrews teve de pagar as passagens de Mary, com 13 anos, e de Charles, com 16 anos, para além do transporte dos seus livros e pertences pessoais. Ainda não existia uma política da Igreja aplicável às indigações missionárias. Andrews teve de recorrer, em grande medida, aos seus recursos financeiros para sobreviver.

Depois da sua chegada, Andrews encontrou um estado de coisas muito diferente das suas esperanças e das suas expectativas. Em poucos dias, os efeitos gelados do choque cultural quase o lançaram por terra. Os obreiros nacionais com que ele contava não estavam disponíveis e as famílias dos Sabatistas europeus estavam profundamente mergulhadas em dificuldades financeiras. Encontrar fundos para o seu salário não seria tarefa fácil.

Muitas outras coisas também eram diferentes: O alimento, as casas-de-banho, o mobiliário caseiro, os costumes locais. Os Estados Unidos da América eram muito “melhores” do que a Europa, muito mais avançados,



Casa em Neuchâtel onde J. N. Andrews ficou pela primeira vez na Suíça (na casa de Albert F. Vuilleumier, 1874-1875).



Segundo lugar onde J. N. Andrews ficou na Suíça, em La Coudre, perto de Neuchâtel (1875-1876).

opinava ele – nem sempre apenas para si. É claro que ele não sabia, naquela época, designar o seu sentimento como sendo um “choque cultural”, mas, como qualquer missionário que o seguiu desde 1874, este era o seu primeiro desafio. Foram necessários meses para Andrews perceber que as diferenças eram apenas isso: nem melhores, nem piores. Apenas diferenças.

### Falando francamente

Um importante ajustamento que Andrews teve de fazer imediatamente dizia respeito à sua inclinação para “falar francamente”. Um costume trazido da Nova Inglaterra e profundamente acalentado nele pelos seus mentores James e Ellen G. White, este estilo de comunicação valorizava a honestidade e a franqueza acima dos cuidados diplomáticos. Comunicar com os crentes suíços desta forma não assentou bem. Os seus interlocutores apenas o acharam duro, insensível e antagonís-

tico. Levou tempo para que Andrews se adaptasse e para que os crentes suíços apreciassem as reuniões sociais Adventistas de estilo revivalista, com a sua abordagem à experiência religiosa distintamente emocional.

Aprender a língua local tornou-se numa prioridade para Andrews. Ele podia ler francês de forma razoável, ainda que de forma lenta. Mas falar fluentemente era uma coisa completamente diferente. Ele teve de aprender a falar. Os Sabatistas locais falavam o seu francês de modo rápido, amontoando as palavras “num tom baixo e indistinto”. Nada compreendendo, Andrews sentiu-se sem recursos. Ele experimentou uma exasperação angustiante ao debater-se para aprender a língua. Aos 45 anos, a sua língua e o seu palato simplesmente não conseguiam formar os sons que o seu cérebro pretendia exprimir.

Felizmente, os seus filhos adolescentes, com as suas estruturas cerebrais

muito mais dúcteis, aprenderam a língua de modo muito mais fácil. Foram necessários três anos de determinação teimosa para Andrews dominar suficientemente o francês falado de modo a pregar publicamente sem embaraço. Ele aprendeu a conversar num alemão desajeitado, mas necessitava sempre de um tradutor para pregar para falantes dessa língua. Como Pietro Copiz, o especialista em linguística, fez notar, as reputadas capacidades linguísticas de Andrews foram acrescidas de alguns mitos ao longo dos anos. Ele não era realmente um grande linguista. Mas estava totalmente empenhado em aprender aquilo de que necessitava, de modo a ser bem-sucedido na missão.

Com esforço determinado, Andrews dominou os pormenores do francês escrito a tal ponto que foi capaz de lançar um jornal evangelístico mensal de qualidade a que chamou *Les Signes des Temps* (*Os Sinais dos Tempos*). O sistema postal complicado

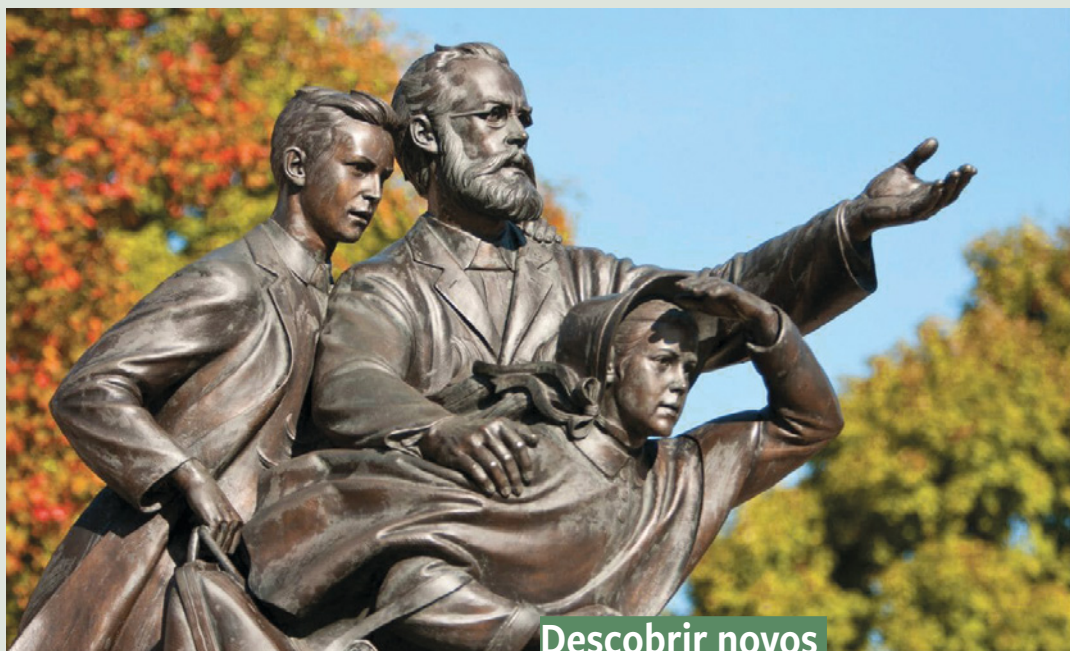
e culturalmente diferente finalmente revelou os respetivos segredos e o jornal estava, em breve, a cruzar fronteiras nacionais e culturais, para chegar a lares francófonos espalhados por toda a Europa e por outras partes do mundo, onde os evangelistas não podiam aventurar-se.

Andrews descobriu que o evangelismo ao estilo americano simplesmente não funcionava bem na Europa. Os pregadores tinham de requerer autorizações do Estado em cada nova localidade. As tendas não eram seguras ou adequadas. Os salões públicos eram caros e as cidades em que havia fortes relações entre a Igreja e o Estado eram culturalmente resistentes a uma religião sediada nos Estados Unidos da América.

Foi necessário algum tempo para os líderes em Battle Creek perceberem que as coisas podiam ser muito diferentes. No ínterim, Andrews foi incompreendido e teve de enfrentar a desconfiança dos seus correligionários por algum tempo. Somente quando os

J. N. Andrews e os seus filhos, Charles e Mary.





**Descobrir novos caminhos para a missão foi uma contribuição para a Igreja que esta ficará sempre a dever a Andrews – o seu primeiro evangelista transcontinental oficial.**

líderes de Battle Creek vieram à Europa é que perceberam as razões por que o crescimento era tão lento e por que a missão tinha de ser adaptada à Cultura e às circunstâncias locais.

### O legado maior

John Andrews tinha um forte dom académico. A sua eficaz defesa do Sábado no seu clássico livro *History of the Sabbath (História do Sábado)*, de 1861, era muito apreciada pelos Pastores e pelos evangelistas, tal como eram os seus escritos sobre outros ensinamentos Adventistas distintivos.

O papel de Andrews como Presidente da Conferência Geral, enquanto James White esteve doente, e a sua contribuição como editor da *Advent Review and Sabbath Herald* durante tempos difíceis também foram contributos duradouros.

Mas a sua contribuição mais notável foi feita no cadinho da primeira

aventura da Igreja noutra Continente. Andrews aprendeu a ser bem-sucedido na missão através de tentativa e erro e aprendeu também a adaptar-se a novas Culturas. Ao aprender, ele ajudou também a Igreja a aprender. Com o passar do tempo, uma política missionária, com um enquadramento mais adequado, tornou as coisas financeiramente mais fáceis. Descobrir novos caminhos para a missão foi uma contribuição para a Igreja que esta ficará sempre a dever a Andrews – o seu primeiro evangelista transcontinental oficial.





**Clifford Goldstein** |  $\forall n > N | |x_n - a| < \epsilon$   
Editor do Manual de Estudo  
da Escola Sabatina dos Adultos  
Retirado da Adventist Review  
de 20 de dezembro de 2012.

# A matemática de Deus

**Podemos usar a matemática para compreender a ciência da salvação.**

Apesar dos variados horrores gravados no seu calendário, o século XVII deu início ao movimento que ficou conhecido como a Revolução Científica. Não foi apenas o que as pessoas conheciam que mudou; mudou também o que significava conhecer. Uma das maiores mudanças de paradigma nesta revolução epistemológica ocorreu quando, cortado o nó cego intelectual da Escolástica Aristotélica, os pensadores desenvolveram uma compreensão quantitativa (e já não qualitativa) da Natureza. Eles deixaram de se concentrar em “essências” e “perfeições” e, em vez disso, passaram a estudar rácios e relações quantitativas entre forças e matéria. O exemplo histórico que marcou o clímax

desta transformação epistemológica foi, claro está, a obra de Isaac Newton, intitulada *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* (1687). Esta mudança epistemológica trouxe a matemática para a ribalta do estudo científico, onde ela permanece hoje. Os números eram, segundo Galileu, a linguagem da Natureza; os séculos seguintes provaram que ele tinha razão. Afinal, que ciência ou tecnologia não emprega, a algum nível, a matemática?

De facto, nós também podemos usar a matemática para compreender a ciência da salvação. Ellen G. White escreveu: “A condição de vida eterna é agora exatamente o que sempre tem sido – exatamente o que era no Paraíso

antes da queda dos nossos primeiros pais – perfeita obediência à Lei de Deus, perfeita justiça” (*Aos Pés de Cristo*, p. 63, ed. P. SerVir, 2022).

Usemos uma analogia para esta “perfeita justiça”. Vamos considerar que ela equivale a 100% de justiça. Para cumprirmos a “condição da vida eterna” precisamos, como pontuação, de 100% de justiça. Infelizmente, 99,7% não chega, tal como não chega 9,97%. Apenas 100%, “perfeita justiça”, cumprem a condição para se obter a vida eterna. Agora, suponha que “nasceu de novo” (João 3:3) aos 14 anos, pelo que a sua justiça média atinge apenas 85%, dado que, bem, todos nós pecamos e estamos “destituídos da glória de Deus” (Romanos 2:23). Mas, por viver “uma nova vida” (Romanos 6:4), consegue arrancar 100% no primeiro ano como Cristão.

Façamos as contas: 85% para cada um dos primeiros 14 anos da sua vida combinados com 100% dá um total de 86%. É um aumento, mas ainda está longe da “condição da vida eterna”. Suponha que, por levar a sua cruz diariamente (Lucas 9:23), consegue também 100% no ano seguinte. Faça as contas: a sua média é agora de 86,875%. Ainda assim, está longe dos requeridos 100%. No ano seguinte, bem, enfrenta algumas dificuldades, arrepende-se e prossegue com fé, mas a sua pontuação é de 84%. A sua média é agora de 86,706%, bem abaixo da “perfeita justiça” necessária para a salvação. No entanto, talvez consiga atingir a “perfeição impecável” (todos nós já encontramos algumas dessas pessoas maravilhosas, não já?) e durante os 50 anos seguintes consegue uma pontuação de 100% todos os anos,

até à sua morte. A sua anterior pontuação é de 86,706%, mais os 50 anos de 100%; você chega então à pontuação extraordinária de 96,627%. É impressionante, mas no que toca à obtenção da salvação, 96,627% é tão inútil como 0,96627%. De facto, mesmo que vivesse para sempre, e pontuasse 100% todos os anos, matematicamente nunca poderia chegar aos 100%. Então, como é que podemos ter “justiça perfeita”?

Ellen G. White escreveu que Cristo viveu uma vida perfeita e sem pecado, isto é, Ele obteve os necessários 100%. E a grande maravilha do Evangelho é que a Sua pontuação perfeita, os Seus 100%, são-nos creditados. “Ele morreu por nós, e agora oferece-Se para tomar os nossos pecados e dar-nos a Sua justiça. Se te deres a Ele, e O aceites como teu Salvador, então, por mais pecaminosa que possa ter sido a tua vida, por Sua causa, tu és considerado justo. O caráter de Cristo toma o lugar do teu caráter e tu és aceite perante Deus exatamente como se nunca tivesses pecado” (Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo*, p. 64, ed. P. SerVir, 2022). Ou, como Paulo escreveu: “Mas, agora, é sem a lei que está manifestada a justiça de Deus testificada pela lei e pelos profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os crentes” (Romanos 3:21 e 22, DB). A pontuação de 100% é a “justiça de Deus”, a justiça de Jesus – e o único modo pelo qual nós, como pecadores, podemos alcançá-la é recebendo-a gratuitamente como dom, que nos é creditado pela fé.

Não confie cegamente no que lhe digo. Faça as contas!

# Lições de Guerra

*Estarei eu preparado para  
o que virá ao mundo?  
Permanecerei firme  
e fiel a Jesus?*



Daniel Cordeiro  
*IASD do Porto*

As histórias dramáticas são tristes, mas fascinam as pessoas! Há filmes que fazem chorar, mas, mesmo assim, são dos mais vistos! As razões podem ser várias: essas histórias enaltecem os valores que as pessoas mais apreciam, têm uma lição moral forte, dão esperança e conforto ou, então, o espectador identifica-se com as vivências dos personagens.

A guerra tem sido dos temas mais usados no cinema dramático. Só a Segunda Guerra Mundial contribuiu para uma elevada percentagem de filmes deste género em toda a produção cinematográfica. E ainda contribui com muita frequência. Há autores que dizem que nunca é de mais. Segundo eles, as lições devem ser bem aprendidas para os problemas não se repetirem na história da Humanidade. Filmes sobre o Holocausto têm despertado muitas consciências em todo o mundo para problemas como a intolerância e a xenofobia, mas parece que, mesmo assim, não têm sido o suficiente.

A guerra na Ucrânia tem sido, para mim, um fator de apreensão nestes últimos meses. Em muitos aspetos, fiquei surpreendido com o que se tem passado. Guerras de elevada intensidade na Europa já não se viam há 80 anos; genocídio, deportação em massa, execuções sumárias e ódio entre povos pareciam já ser assuntos encerrados na história europeia; propaganda política para enganar as populações, ditadura, aumento de tensão entre nações seriam problemas que já não afetariam a civilização ocidental; o aumento do armamento e a proliferação de armas nucleares estariam agora sob o controlo de governos responsáveis...

É verdade que as profecias bíblicas predisseram que coisas más aconteceriam no fim dos tempos, mas uma parte de mim queria acreditar que não seria agora e não teria o impacto que tem tido na minha vida, naquilo que vejo na televisão, no aumento do custo de vida e na incerteza do que virá a seguir...

De certa forma, gostava de estar sentado confortavelmente no sofá a assistir a todos estes acontecimentos como num filme, sem estar apreensivo sobre o assunto; gostava que não afetasse o Continente onde vivo, que não houvesse o risco de escalada da guerra, que tudo estivesse no passado, que não passasse de um sonho, que aprendesse lições sem precisar delas e que assistisse a vivências sem passar por elas. Mas



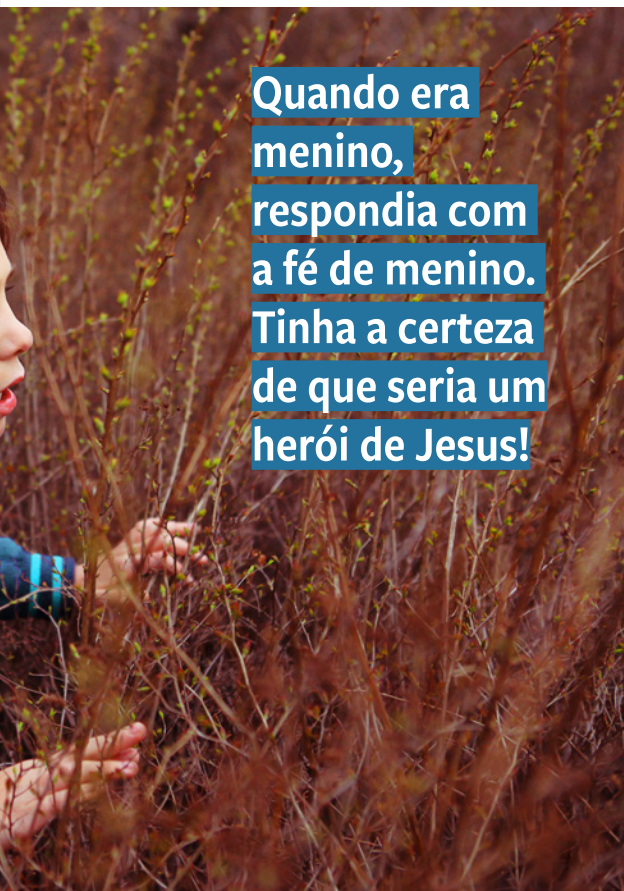
não! É mesmo neste tempo que tudo se está a passar, sem um fim à vista.

Ao longo da minha vida, tenho ouvido imensas vezes a pergunta na igreja, em casa, em acampamentos, em todas as reflexões espirituais: Estarei eu preparado para o que virá ao mundo? Permanecerei firme e fiel a Jesus? Quando era menino, respondia com a fé de menino. Tinha a certeza de que sim! Seria um herói de Jesus! Lembro-me de brincar às “perseguições” com os meus amigos da igreja. Uns eram os “Cristãos” que fugiam, e outros os “soldados maus” que os vinham prender. Para mim e para os meus amigos, os acampamentos de Desbravadores e as pistas noturnas tinham o seu valor espiritual, porque nos preparavam

para o “tempo das perseguições” que haviam de vir, nas quais teríamos de sobreviver no campo e nas montanhas, fugindo de um lado para o outro, para não sermos apanhados.

Aquele fervor de infância esfriou durante uns anos. Passei por experiências na minha adolescência em que fui obrigado a ter reflexões filosóficas com um carácter muito cético. Parecia que acreditar de forma simples na mensagem bíblica era sinónimo de ingenuidade. Questionar, e refutar, era uma espécie de perspicácia e inteligência. As dúvidas dos jovens eram respondidas com mais dúvidas para os fazer pensar. Saber ver a realidade, em que pessoas “crentes e boas” passam por coisas “más e cruéis” numa proporção idêntica ou pior do que a dos ímpios, era uma espécie de fuga da “caverna dogmática”, onde muitas vezes os jovens crentes estão “presos”. Por fim, decidi não me deixar afetar com os chamados “banhos de realidade”, onde a fé das pessoas era espremida e o ceticismo cultivado. Concluí que aquele método não servia para o meu crescimento espiritual e não me enganei. Aprendi a evitar aquelas questões.

Ao longo do tempo, percebi que a vida espiritual tem menos a ver com o que se passa no nosso exterior e mais com o que acontece no interior do coração. O que faz alguém ser crente ou descrente não tem muito a ver com os estímulos exteriores deste mundo, mas com os dons de Deus que fazem parte da nossa vida espiritual interior. De onde vêm a paz, a misericórdia, o amor e a esperança? Vêm de Deus, que vive no crente. Este mundo não



**Quando era  
menino,  
respondia com  
a fé de menino.  
Tinha a certeza  
de que seria um  
herói de Jesus!**

os pode dar ou tirar. O que o mundo dá e tira é passageiro. O que é eterno, imperecível e forte perante todas as circunstâncias é divino.

Os descrentes podem argumentar: Mas quando te acontece alguma coisa má, isso não te afeta? Não te dá vontade de te revoltares? Esta é uma velha questão a que a Filosofia Existencialista do pós-guerra tentou responder. Os seus defensores chegaram à conclusão de que a ocorrência do Holocausto veio abalar muito a ideia da existência de Deus e de que a morte total da fé cristã no mundo ocidental estava determinada em poucas gerações. Mas Deus não morreu no coração das pessoas! A própria Segunda Guerra Mundial confirmou que a fé cristã vive. Não são argumentos filosóficos de inteligência humana que respondem a estas questões difíceis, mas sim o exemplo de testemunhas. A história deste mundo está cheia destes pontos de luz em toda a escuridão espiritual.

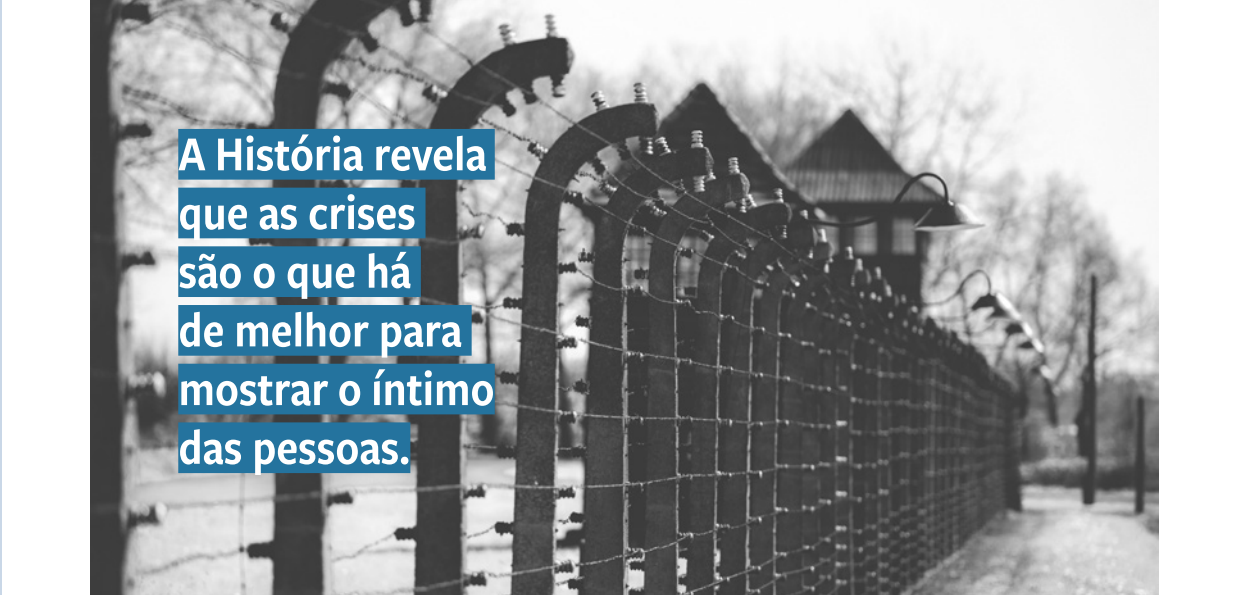
A vitória da Igreja cristã fez-se no meio de muito sangue, muita tristeza, muitas perdas e lágrimas. Ela venceu no meio da perseguição e da guerra e perdeu perante a perspectiva da paz mundana, do poder secular oferecido e da riqueza imperial garantida.

Rodrigo Silva, Historiador, referiu no seu programa *Evidências* (Novo

***Deus não morreu no coração das pessoas! A própria Segunda Guerra Mundial confirmou que a fé cristã vive.***

Tempo – “Onde estava Deus em Auschwitz?”) que o problema de muitas pessoas terem questionado a sua fé em Deus resultou de lerem as reflexões de filósofos existencialistas sobre o Holocausto e não ouvirem o testemunho daqueles que passaram pelos campos de concentração. Um estudo realizado por Reeve Robert Brenner (1980) – *The Faith and Doubt of Holocaust Survivors* –, baseado em entrevistas aos sobreviventes judeus dos campos de concentração, concluiu que a prisão não teve um efeito estatisticamente significativo na fé da população em estudo. Os que anteriormente à guerra não tinham fé assim se mantiveram, e os que a tinham guardaram-na, e, em muitos casos, até a fortaleceram. Não houve uma mudança perceptível em que uma parte elevada da população mudasse de atitude perante Deus. Compreende-se que, se, por um lado, há pessoas que não conseguem conceber a existência de um Deus de amor perante um mundo de miséria, outras há que não acham sentido nesta vida cheia de problemas sem a presença de um Deus de amor.

Apesar de haver uma percentagem menor de pessoas que verbalizou ter perdido a sua fé, também houve casos de prisioneiros descrentes que tiveram um encontro com Deus nos campos de concentração. O médico psiquiatra Viktor Frankl, Judeu, um dos prisioneiros sobreviventes, é um exemplo. Ele não acreditava em Deus devido à sua formação como Psicanalista. Esperava que todos os prisioneiros se comportassem como animais selvagens, sujeitos apenas aos



**A História revela  
que as crises  
são o que há  
de melhor para  
mostrar o íntimo  
das pessoas.**

seus impulsos de sobrevivência, mas espantou-se ao testemunhar o comportamento dos prisioneiros crentes. Estes transmitiam paz e tranquilidade, eram solidários e protetores! Uma força interior mantinha-os civilizados! Ele identificou a fé em Deus como a responsável pelo efeito. Mais tarde, depois da guerra, muitos contemporâneos seus descreveram-no como um homem diferente, que aceitava a fé. Foi ele que fundou a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, também identificada como a Logoterapia ou a Análise Existencial.

A História revela que as crises são o que há de melhor para mostrar o íntimo das pessoas. Perante guerras, uns transformam-se em colaboracionistas, traidores ou monstros, outros em sofredores e heróis. Uns espalham miséria e tirania, outros socorrem, reconstroem e suportam. Há um contraste nítido que, em tempos de paz, só Deus vê, mas que, em tempos difíceis de guerra, se torna mais perceptível. Não é verdade a ideia de

que todos se revoltam, apesar de ela ser fortemente defendida por certos filósofos e ter afetado alguns crentes, que misturam conhecimento bíblico com filosofia. A própria Bíblia diz que haverá sempre duas classes de pessoas e a história mundial confirma. A própria experiência de Job corrobora esta ideia. Satanás dizia que toda a Terra lhe pertencia, assim como Job lhe pertenceria depois de se revoltar perante a sua miséria. Enganou-se!

De todas as experiências de guerra, as que mais tocam as pessoas são as que envolvem crianças. Uma vez ouvi a história de uma certa senhora que visitou Auschwitz. Viu os beliches das camaratas, as paredes de fuzilamento e outros locais de tortura. Suportou tudo. Mas quando começou a ver o monte de sapatos, roupas e outros artefactos, deparou-se com sapatinhos, roupinhas e brinquedos...

“O quê?! Eles também vieram para cá?!” Fez a pergunta e saiu muito comovida. Não conseguiu continuar mais. A sua atitude é compreensível.

Entende-se ser muito mais inaceitável a violência exercida sobre seres mais inocentes e puros como as crianças...

Esta experiência fez-me lembrar as minhas brincadeiras de menino, quando, depois da Escola Sabatina dos Primários, brincava aos Cristãos e aos soldados com os meus pequeninos amigos da igreja. Fez-me refletir: Será a fé de uma criança tão forte que é capaz de enfrentar uma tempestade tão grande?

De todos os testemunhos na primeira pessoa da Segunda Guerra Mundial, o mais conhecido e admirado é o de uma menina – *O Diário de Anne Frank*. Para quem não conhece, este livro foi escrito por uma adolescente que relatou as suas experiências, enquanto esteve escondida devido à perseguição de que os Judeus eram alvo por parte dos Nazis.

Anne Frank nasceu na Alemanha em 1929, filha de uma família judia liberal. Aos quatro anos, foge com

os pais e a irmã para Amesterdão, na Holanda, devido ao crescente poder de Hitler. Era uma menina muito extrovertida, conversadora e sonhadora. Também era muito sociável; gostava de brincar com as crianças do bairro, e, mais tarde, até tinha os seus colegas admiradores na escola. Lia muito sobre as atrizes de Cinema daquele tempo e queria ser escritora. Infelizmente, aos 13 anos teve de se esconder num anexo por trás da empresa do seu pai, devido ao elevado risco de a família ser deportada. Ali passou os seus últimos dois anos de vida, fechada, obrigada a viver em silêncio. Foi ali que escreveu no seu diário as suas palavras mais sentidas. Gostava muito de ir ao sótão em que havia um póstigo por

O diário que Anne recebeu quando fez 13 anos (Coleção de fotos *Anne Frank Stichting*, Amesterdão). | Anne no último ano da escola primária, 1940 (Coleção de fotos *Anne Frank Stichting*, Amesterdão / fotógrafo desconhecido).





onde podia olhar para o exterior. Via o céu, o castanheiro das traseiras, a torre da igreja daquele quarteirão, sonhava e chorava a sua sorte.

Simon Wiesenthal disse certa vez que *O Diário de Anne Frank* foi o testemunho de guerra que mais tocou as pessoas em todo o mundo quanto à realidade do Holocausto. O livro é conhecido por mim, mas a curiosidade de saber como a autora reagiu àqueles tempos tão difíceis fez-me retirá-lo de novo da prateleira e analisá-lo com mais cuidado, para perceber que espécie de pessoa era Anne: revoltada e descrente ou sincera no que acreditava.

O seu diário apresenta muitas queixas devido às condições de vida em que vivia, aos relacionamentos tensos com os restantes elementos do grupo escondido, quase todos adultos; mas haveria algum indício de perda de esperança? Encontrei uma resposta que me tocou!

No dia 15 de julho de 1944, Anne escreveu o seguinte:

*“É-me impossível construir qualquer coisa numa base de morte, de desgraça e de confusão. Vejo como o mundo se vai transformando num deserto, ouço cada vez mais e mais forte a tempestade que se aproxima e vai matar também a nós. Sinto o sofrimento de milhões de pessoas e, no entanto, quando olho para o céu, penso que tudo acabará por se resolver, que esta brutalidade terá o seu fim, que a calma e a paz voltarão a reinar no mundo. Enquanto espero, terei que manter bem alto os meus ideais. Quem sabe, talvez sirvam para o futuro!”*

Foi o penúltimo texto que escreveu. A 4 de agosto, pelas 10 horas,

***“Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças...”***  
***(Lucas 21:28.)***

ela e os restantes elementos do grupo clandestino são presos.

O que podemos analisar neste pequeno parágrafo?

Anne não demonstra ingenuidade. Sabe perfeitamente o que se passa no mundo em guerra. Até pressente que vai morrer, o que se veio a verificar cerca de seis meses depois. Mas a sua esperança no meio da desgraça não termina! Continua a acreditar nos seus princípios e valores, que lhe dão sentido à vida!

Sinto que estas suas derradeiras palavras foram inspiradas! A expressão que usou – *“... quando olho para o céu...”* – foi a que mais me chamou a atenção e destaca-se de todo o restante texto do diário. Faz-me recordar Jesus ao dizer: *“Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças...”* (Lucas 21:28.) Parece que vejo o Espírito de Deus junto dela naquele dia! Mostrou-lhe como o mundo estava, que iria morrer, que a paz voltaria e que os seus ideais eram eternos. E, principalmente, deu-lhe consolo num momento muito triste!

Depois da guerra, o seu pai voltou a casa. Entregaram-lhe o diário da sua querida filha. Leu-o profundamente comovido. Com lágrimas nos olhos, só dizia: *“A minha Anne! A minha pequena Anne...!”*

## Que a fé de menino nunca acabe no nosso coração!



Já não estava ali a menina do papá... Pobre Anne! Fizeste tanta falta neste mundo, mas Deus sabe porque tudo foi assim!

O seu pai traduziu de imediato o diário para o alemão e enviou-o para alguns dos seus familiares, principalmente para a sua avó, que muito a admirava. Mais tarde, foi publicado e traduzido para muitas mais línguas. O seu sonho de se tornar um dia escritora fora realizado pelo seu pai!

Em 1946, mal o diário foi conhecido, J. Romein escreveu no jornal *Het Parool* que muitos diários já tinham sido documentados, mas nenhum era tão puro, inteligente e humano como aquele.

O seu pai, Otto Frank, continuou a defender os ideais da sua filha até ao fim da sua vida. Um ano antes de morrer, disse que em nenhuma parte do diário Anne apresenta expressões de ódio. Sempre acreditou na bondade, na paz e na amizade! Foram estas crenças que sempre viveram no seu coração! Esta é a experiência daquele que crê em Jesus. A perseguição, a tortura e a prisão não matam a vida espiritual presente no coração. Para

o crente, morte é quando o amor arrefece, a fé enfraquece e a esperança termina. O Senhor Jesus e o Espírito Santo estão perto de todos os que padecem pelo mal deste mundo, e Eles são uma fonte inesgotável de luz e paz nos dias maus!


No seu livro *Visões do Céu*, na página 87, Ellen G. White descreve o que viu quando se aproximava do Monte de Sião, rodeado de outras sete colinas, na Nova Terra. Ali estava um belo templo, com belíssimas árvores em volta, das quais se destacavam sete espécies: o pinheiro, o buxo, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira com muitos frutos. O lugar tinha uma beleza indescritível! Ali, ela viu uma multidão de mártires vestidos de branco, com uma orla vermelha. Entre eles, estavam muitas crianças que apanhavam flores, as quais nunca iriam murchar. Deus não esquece os meninos e as meninas que padecem perseguição e morrem pela sua fé neste mundo mau. Ele tem um lugar preparado para eles no Céu, onde viverão para sempre perto de Si!

Que a fé de menino nunca acabe no nosso coração!



John K. McVay  
*Teólogo*

*Retirado da Ad-  
ventist Review de  
novembro de 2022.*



**A rainha Ester afirma corajosamente:  
“Irei ter com o rei, ainda que não é segundo  
a lei; e, perecendo, pereço” (Ester 4:16).**

# Ester para crescidos

Déspotas e ditadores preocupam-se com a sua segurança pessoal e protegem-na com cuidado. Tropas de elite, com lealdade pessoal jurada ao governante, guardam o trono. Provadores reais provam as refeições. Procedimentos e regulamentos meticulosos isolam e protegem.

A lei persa que garantia a segurança do rei era tão rígida como eficaz – qualquer pessoa que se aproximar do rei sem ser convidado morrerá às mãos das suas tropas de elite. Sem exceção. Inescapável. Automaticamente. Acontecerá sempre.

Apenas o próprio rei pode deter a inevitável execução.

A rainha Ester afirma corajosamente: “Irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, peço” (Ester 4:16).<sup>1</sup> Desta vez, no entanto, ela não tem doze meses para se preparar (Ester 2:12). Ela e a sua corte têm apenas três dias para se aprontarem (Ester 4:16). Mas pode facilmente imaginar-se que, quando sai do seu palácio e se dirige para a sala do trono do rei, ela se apresenta no auge do seu poder sedutor.

\*\*\*

Alguém escreveu que “no tocante à ação envolta em suspense, a história [de Ester] é, talvez, inultrapassável nas páginas da Bíblia”.<sup>2</sup> Mas, apesar de toda a sua atração assente na ação dramática, a história de Ester é perturbadora. Há nela muitas razões para críspação nervosa e para contorção. Alguém do desconforto procede *do que está ausente*: Deus nunca é menciona-

do e, embora haja muito “jejum e choro e lamentação” e “saco e cinza” (Ester 4:3), ninguém ora. No entanto, muito do desconforto procede *do que está presente*, especialmente do massacre vingador efetuado pelos Judeus depois de serem salvos (Ester 9).

Dados os nossos escrúpulos sobre o livro, não surpreende que o livro de Ester tenha sido revisto ao longo das eras. Muito tempo depois da redação da história Veterotestamentária de Ester, seis adições foram feitas ao livro. Totalizando 107 versículos, estas adições aparecem no Velho Testamento Grego (*LXX*) e são aceites como inspiradas por muitos Cristãos.

Não é difícil ver a razão por que estas adições foram feitas. Uma adição descreve Ester em oração: “Também a rainha Ester, possuída de uma angústia mortal, recorreu ao Senhor. [...] E dirigiu esta prece ao Senhor, Deus de Israel. [...] Ó Senhor, não entregues o cetro aos que não são nada. [...] Tu conheces tudo! Sabes que detesto a glória dos ímpios e tenho horror ao leito dos incircuncisos e estrangeiros. [...] A tua serva não comeu à mesa de Haman nem honrou com a sua pre-

***Alguém do desconforto procede do que está ausente: Deus nunca é mencionado e, embora haja muito “jejum e choro e lamentação” e “saco e cinza” (Ester 4:3), ninguém ora.***



**À superfície, Deus não é mencionado, nem reconhecido. Por baixo da superfície, Deus é, por toda a parte, proclamado e celebrado como o verdadeiro herói da obra.**

sença os banquetes do rei, nem bebeu o vinho das libações” (Ester C: 12, 14, 22, 25 e 26, 28).<sup>3</sup>

Com esta amostra em vista, parece provável que as adições foram incluídas para assegurarem os leitores de que, primeiro, Deus está, de facto, vivo e ativo na história; e, segundo, de que os heróis – Ester e Mardoqueu – são efetivamente Judeus orantes, fiéis, cumpridores da Lei de Moisés e de elevado calibre moral e espiritual.

### **Duas perspetivas sobre o livro de Ester**

Necessitamos de reescrever o livro de Ester para o tornar aceitável? Desenvolveram-se duas perspetivas sobre o livro tal como ele se apresenta: (1) Ele é o que é – uma composição atea e pagã – e temos de tentar fazer com que ele tenha sentido tal como está; (2) Ele não é o que é – ocultação e disfarce são a chave para esta composição complexa e sofisticada.

Ester é, de facto, uma composição sofisticada que é estruturada de modo muito cauteloso. Um exemplo? Há duas metades da história que cuidadosamente se espelham mutuamente. O facto de esconder a presença de Deus poderia ser outro exemplo de uma retórica cuidadosa. À superfície, Deus não é mencionado, nem reconhecido. Por baixo da superfície, Deus é, por toda a parte, proclamado e celebrado como o verdadeiro herói da obra.

Que provas temos de que o autor está a esconder propositadamente a presença de Deus? A história refle-



**O autor atrai os leitores para a história, convidando-os a experimentarem como é a providência divina (em vez de os instruir de que ela está a operar).**

te anteriores histórias bíblicas de um modo detalhado, especialmente a história de José. Citemos apenas alguns paralelos entre as duas histórias:

Tanto José como Ester estão involuntariamente longe do lar, vendidos como escravos (veja Ester 7:4).

O poder de atração física do herói é importante em cada uma das histórias.

Ambas as histórias apresentam um banquete real em que os convidados não conhecem a verdadeira identidade do anfitrião.

O ponto de viragem de cada história envolve lembrar-se de um Hebreu durante uma noite difícil ou sem sono.

A história de Ester “alude e remete para a história de José”, sugerindo que “Deus está, de facto, muito envolvido nos acontecimentos, mesmo se não é mencionado diretamente”.<sup>4</sup>

Além disso, apesar do facto de Deus não ser explicitamente mencionado, a história revela acontecimentos que são obviamente planeados para

acontecerem da forma que acontecem. Mardoqueu ouve uma conversa entre dois assassinos potenciais. Haman planeia a morte de Mardoqueu, agendando o seu pedido ao rei para o dia seguinte. Nessa mesma noite, o rei tem uma insónia e pede que lhe sejam lidas as crónicas reais. O escriba lê a história da lealdade de Mardoqueu, em que este revela os planos de assassinato. Haman chega à corte quando o rei pondera o modo como há de honrar Mardoqueu.

As provas acumulam-se quanto ao facto de que a providência de Deus está a operar. Mas porquê? Por que razão o autor do livro de Ester esconde a presença de Deus? Eis uma resposta intrigante: O autor atrai os leitores

para a história, convidando-os a experimentar como é a providência divina (em vez de os instruir de que ela está a operar). As provas da operação da providência de Deus são tão detalhadas e cumulativas que levam o leitor a chegar à conclusão de que Deus está em ação para salvar o Seu povo.

### Três pensamentos sobre o livro de Ester

Então, o que podemos aprender com a história de Ester enquanto discípulos adultos de Jesus? Que conselho poderíamos oferecer sobre o modo de ler e de aplicar hoje as lições de Ester?

#### 1. Ester e os Judeus

Primeiro, devemos estar cuidadosamente cientes da data em que estamos a ler a história, cerca de 80 anos depois de um acontecimento central e horrível – o genocídio de seis milhões de Judeus às mãos de Hitler. Ester conta a história de um genocídio que os Judeus evitaram. Apenas há algumas décadas, a tentativa falhada de Haman foi concretizada no terror das execuções em massa. Não podemos esquecer que lemos hoje Ester sob a nuvem negra do Holocausto.<sup>5</sup>

Porque não reunir a sua família, ou um grupo de amigos, para visitar um dos museus sobre o Holocausto que existem no mundo? Porque não visitar uma sinagoga judaica e participar na celebração de Purim? À medida que a história de Ester é lida ali, participe nos assobios e no barulho que é feito sempre que o nome de Haman é pronunciado. Se o fizer, nunca mais voltará a ler o livro de Ester da mesma forma.

#### 2. Ester e nós

Uma segunda perspetiva é sobre Ester e nós. Ester perturba o nosso idealismo, os nossos sonhos de um povo de Deus perfeito, intocado pelo mundo ao seu redor, testemunha direta da verdade. O livro apresenta-nos, em vez disso, heróis que estão profundamente envolvidos – até encharcados – no mundo pagão que os envolve. Os seus nomes persas ecoam a cultura pagã politeísta: “Ester” evoca o nome da deusa persa Ishtar e “Mardoqueu” o nome do deus persa Marduk. Eles não parecem estar apostados em testemunhar da sua fé junto dos seus vizinhos pagãos. Em vez disso, Mardoqueu “ordena” a Ester que não revele a sua identidade como Judia monoteísta, e ela obedece-lhe (Ester 2:10). Por que razão Ester e Mardoqueu não podem ser mais semelhantes a José e a Daniel?

Ao lermos a história, Mardoqueu e Ester parecem mais dispostos a ceder ao escandaloso tráfico sexual de recrutamento de uma nova rainha para o rei do que nós gostaríamos. Além do mais, Mardoqueu serve como membro da corte de Xerxes I, como um leal servidor para todo o serviço de um Imperador pervertido, imoral e pagão. E Ester é a rainha desse Imperador!

*Ester perturba o nosso idealismo, os nossos sonhos de um povo de Deus perfeito, intocado pelo mundo ao seu redor, testemunha direta da verdade.*



## Como pode a história de Ester refletir a história de Jesus?

No entanto, devemos lembrar-nos de que esta é uma história do povo de Deus na Diáspora, na dispersão dos Judeus por todo o mundo após o Exílio, povo que está a tentar perceber como fazer caminho num mundo oposto a Deus e aos princípios de Deus. Segundo a nossa avaliação, eles não estão a ser muito bem-sucedidos nisso.

Talvez seja precisamente aqui que encontramos a poderosa mensagem do Evangelho em Ester: Os personagens de Ester não são pessoas impolutas a operar num mundo moralmente assético. Tal como nós também não somos. Se Deus os usou, com todas as suas falhas, Ele pode também usar-nos, com todas as nossas falhas! Tal como escreve Rahel Well: “Em último caso, Deus é capaz de usar pessoas caídas e imperfeitas para a Sua glória. Para os leitores de hoje, isto deveria ser muito reconfortante. Deus é capaz de usar agentes humanos imperfeitos.”<sup>6</sup>

### 3. Ester e Jesus

Uma terceira e final perspetiva é sobre Ester e Jesus. A identidade do protagonista e do vilão da história pode pa-

recer aleatória e pouco importante. O protagonista é apresentado como sendo “Mardoqueu, filho de Jair, filho de Simmei, filho de Quis, homem Benjamita” (Ester 2:5), o que significa que ele está relacionado com o rei Saul, o primeiro rei de Israel. O vilão é identificado como sendo “Haman, filho de Hamedata, agagita” (Ester 3:1), o que significa que ele está relacionado com o rei amalequita Agag. Nem Mardoqueu nem Haman são Persas. Ambos são imigrantes.

As suas histórias entrelaçam-se num antigo ódio: O rei Saul, o ancestral de Mardoqueu, desobedeceu ao conselho do profeta Samuel e poupou o rei amalequita Agag (I Samuel 15), embora Samuel tenha, por fim, chacinado Agag. Estas apresentações aparentemente aleatórias introduzem-nos numa “conclusão épica do conflito secular entre os descendentes de Saul e de Agag, entre a nação de Israel e a nação de Amaleque”.<sup>7</sup> Este não é um acontecimento isolado e desconexo, mas é, sim, uma vinheta poderosa e evocativa num conflito há muito em curso. Embora descendentes de Quis e de Agag não sejam fáceis de encon-



trar hoje, “o livro de Ester retrata uma batalha entre o bem e o mal, que é um microcosmo do grande conflito entre Cristo e Satanás”.<sup>8</sup>

Como pode a história de Ester refletir a história de Jesus?

\*\*\*

Totalmente só, ela é arrebatadamente bela, sendo precedida por uma onda das fragrâncias mais aromáticas e sedutoras do Planeta. Esta jovem rainha, “bela de parecer, e formosa à vista” (Ester 2:7), aproxima-se do círculo exterior dos guardas. Ela reconhece a presença deles com um ligeiro assentimento do seu queixo belamente esculpido.

Embora momentaneamente perturbados, eles usam os intercomunicadores para anunciarem uma ameaça de assassinato. Todo o aparelho de segurança ao redor do Imperador persa se torna atento. O esquadrão de execução começa a aproximar-se da ameaça.

Ela aproxima-se do rei, expondo a sua submissão ao seu monarca, curvando-se e fazendo cortesias no seu avanço cuidadosamente coreografado. Os integrantes do decidido esquadrão de execução abrandam os seus passos, olhando uns para os outros com sobrancelhas erguidas e espadas descidas. O rei, instantaneamente, distraído de todos os outros assuntos, estende rapidamente o seu cetro dourado incrustado de joias à sua maravilhosa rainha.

\*\*\*

Quando, séculos depois, Paulo descreve a obra do Sumo-Sacerdote

Jesus, em Efésios 2:18, usa um termo que nos leva de volta à corte dos Medos e dos Persas. Qualquer pessoa que desejasse ter “acesso” (*prosagôgê*) a um monarca persa tinha de o requerer mediante amigos credenciados que o pudessem conceder. Paulo escreve: “Porque, por ele [Jesus], ambos [crentes judeus e gentios] temos acesso ao Pai, em um mesmo Espírito.”

Jesus entra na corte do Rei para interceder pelo Seu povo. Através d’Ele, n’Ele e por meio d’Ele, temos acesso ao Imperador do Cosmos. Quando Ester faz o seu caminho até Xerxes I, a corajosa e bela rainha judia-persa oferece uma imagem, ainda que ténue e oblíqua, da maior história de todas, a intercessão de Jesus perante o Pai:

“Irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço” (Ester 4:16).

“Porque, por ele [Jesus], ambos [crentes judeus e gentios] temos acesso [*prosagôgê*] ao Pai, em um mesmo Espírito” (Efésios 2:18).

**1** Citações bíblicas retiradas da versão de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida (ARC).

**2** “Esther, Book of”, *Dictionary of Biblical Imagery* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1998), pp. 246 e 247.

**3** Texto retirado da Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica. A notação C indica uma adição grega (presente na *Septuaginta*) ao texto hebraico original do livro de Ester.

**4** Veja Adam Garfinkle, “Joseph and Esther: Some Parallels and a New Midrash”, *Conservative Judaism* 65/1-2 (2013-2014), pp. 95-106.

**5** Veja Julie Gaines Walton, “‘And All Who Joined Them’: a Faithful Christian Reading of Esther in a Post-Shoah World”, *Review & Expositor* 118/2 (1 de maio de 2021), pp. 209-213.

**6** A. Rahel Wells, “Esther”, in *Andrews Bible Commentary: Old Testament*, ed. Ángel Manuel Rodríguez et al. (Berrien Springs: Andrews University Press, 2020), 604.

**7** Katie Benjamin, “The book of Esther and God Hidden and Revealed”, *Lutheran Forum*, outono de 2014, 10.

**8** Wells; cf. Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Sabugo: Publicadora SerVir, s. d.), 402.



Se é verdade que existe algum debate acerca do real significado da “nova aliança” mencionada por Jesus (Lucas 22:20), predita por Jeremias e descrita por Paulo na Epístola aos Hebreus, assunto deste número da *Revista Adventista*, não é menos verdade que, na análise contemporânea à mais antiga instituição estabelecida para o Homem, o casamento, também existe o sentimento de que esta precisa de ser repensada e, eventualmente, adaptada aos nossos tempos. As palavras “serão os dois uma só carne” (Gén. 2:24) parecem demasiadas estritas, como assim as compreendeu também Jesus, quando acrescentou num comentário a estas: “o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mat. 19:6). Teria Moisés sido mais assertivo ao permitir as “cartas de divórcio”? Não seria mais adequado despojar a aliança matrimonial deste vínculo que pressupõe um compromisso vitalício? Até porque, se o coração humano

já era duro nos tempos de Moisés (Mateus 19:8), quanto mais hoje. Insistir no amor incondicional não seria condenar muitos à infelicidade?

A ideia de relacionamentos sem compromisso parece atraente e, por isso, tem-se tornado cada vez mais popular. 10% da população portuguesa vive em união de facto e, em 2020, tivemos 92 divórcios para cada 100 casamentos. Nem a presença dos filhos serve como argumento para um maior compromisso. Um terço dos casais que vivem em união de facto tem dois filhos e um número cada vez maior de divórcios tem lugar durante a gravidez ou durante o primeiro ano de vida do filho. A ideia começa cedo e hoje também ouvimos falar de namoros sem compromisso, sem responsabilidade e sem expectativas. Parece que a ideia subjacente é não querer ficar preso a relacionamentos insatisfatórios e atenuar as consequências das ruturas

# O que há de novo na aliança matrimonial?



que cada vez são mais frequentes e previsíveis. Seria este o melhor caminho alternativo para os relacionamentos humanos num contexto de pecado? O agravamento dos problemas de saúde mental, frequentemente relacionados com a insatisfação nas relações afetivas, parece sugerir o contrário. Além disso, fomos criados para amar e ser amados, para profundos relacionamentos, nos quais a segurança é uma parte essencial. Só com compromissos bem estabelecidos é possível alcançar os almejados níveis de satisfação e prazer conjugal. O que pode estar a faltar então?

A julgar pela observação, pela experiência vivida e pela Palavra revelada, o que precisa de existir de novo na aliança matrimonial em nada difere daquilo que a nova aliança mencionada na Bíblia nos traz. Ezequiel recorda-nos da promessa que o Senhor nos faz:

“E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne” (Ezequiel 36:26).

Ellen G. White é perentória quando afirma:

“Só a presença de Cristo pode tornar homens e mulheres felizes. Cristo pode transformar em vinho do Céu todas as águas comuns da vida. O lar torna-se, então, como um Éden de bem-aventurança; a família, um belo símbolo da Família no Céu.” – *O Lar Cristão*, p. 24, ed. P. SerVir.

Ao dirigir-se a um casal crente, mas com problemas conjugais, ela disse-lhes:

“Ambos necessitam de se converter. Nenhum dos dois tem uma ideia correta do significado da obediência a Deus.” – *O Lar Cristão*, p. 86, ed. P. SerVir.

Tendo afirmado que a experiência da conversão genuína é rara nos nossos

dias (6BC, 1075), ela reafirmou o papel da religião no lar:

“A religião familiar é um poder maravilhoso. A conduta do marido para com a esposa e desta para com aquele pode ser tal que torne a vida no lar numa preparação para pertencer à Família de Cima.” – *O Lar Cristão*, p. 85, ed. P. SerVir.

Fez ainda uma interessante descrição de como e porquê se processa tal mudança:

“Quando a pessoa se rende inteiramente a Cristo, há um novo poder que toma posse do novo coração. Opera-se uma mudança que o Homem nunca pode operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural, introduzindo um elemento sobrenatural na natureza humana. Aquele que se rende a Cristo torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num mundo revoltoso, e Ele deseja que nenhuma outra autoridade seja aí reconhecida senão a Sua.” – *O Desejado de Todas as Nações*, p. 286, ed. P. SerVir (2017).

Em face do exposto, parece-nos que o caminho a seguir é exatamente o oposto ao que a Humanidade está a seguir. Por falta de um compromisso sério com Deus, o Homem vai gradualmente abdicando também de qualquer outro compromisso com o seu próximo. O resultado último deste caminho será uma angustiada solidão e não é bom o Homem estar só (Gén. 2:18). Como no início, quando os problemas domésticos do primeiro casal tiveram lugar, logo após a primeira deslealdade a Deus, hoje sofremos na proporção do nosso afastamento do nosso Criador. Não resolveremos os nossos problemas relaxando o compromisso conjugal, mas, antes, renovando e aprofundando a nossa aliança com Cristo. Este, sim, é o elemento novo que precisa de entrar na aliança matrimonial.



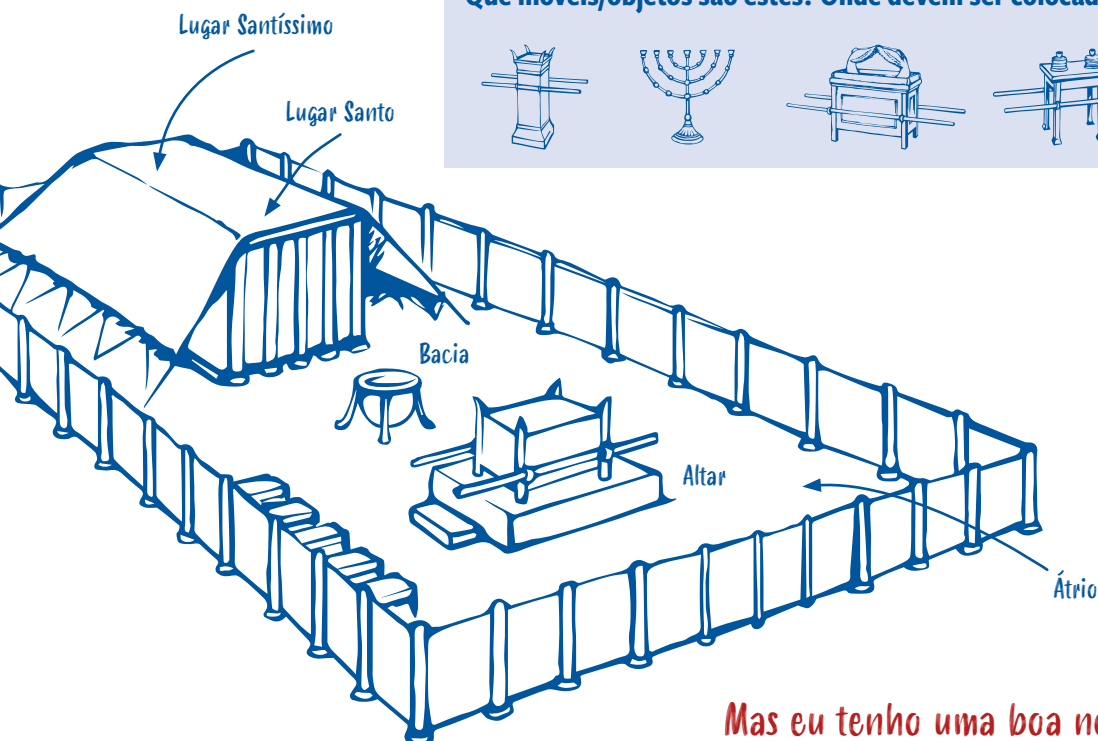
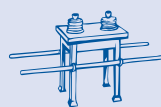
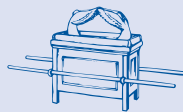
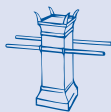
Conceição Lagoa  
*Diretora-Associada da Área da Família da  
UPASD para os Ministérios da Criança*

# O que há de novo na Nova Aliança?

*“Farei uma Nova Aliança com o povo” (Jeremias 31:31).*



Que móveis/objetos são estes? Onde devem ser colocados?



*O que é uma aliança? Aliança é um acordo entre pessoas, em que são feitas promessas.*

Quando penso em “Nova Aliança”, vem à minha mente o acordo anterior a este, ou seja, **a Antiga Aliança, que foi celebrada entre Deus e o Seu povo.**

Nessa Antiga Aliança, o povo trazia as suas ofertas para o sacrifício, pois compreendia que **alguém tinha de morrer no seu lugar pelo seu pecado.** Neste caso, um animal. Era um sistema educativo que levava as pessoas a entenderem todo o processo da salvação. Todo o ritual do santuário terrestre era apenas uma sombra ou **um símbolo do que Jesus faria por este mundo.**

Assim, o povo realizava todos estes rituais, até que Cristo viesse com novas indicações e estabelecesse um sistema melhor.

*Mas eu tenho uma boa notícia: Jesus veio! Agora temos uma Nova Aliança e todas essas cerimónias deixaram de fazer qualquer sentido, pois elas apontavam para Jesus, que é o Cordeiro de Deus.*

E nesta Nova Aliança vemos o que Jesus fez para nos livrar desse enorme castigo que estava sobre nós: a morte eterna.

**Jesus derramou o Seu sangue e, assim, libertou-nos da lei do pecado, da condenação e da morte eterna.**

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1 e 2).

**É verdade, amiguinho, agora somos livres. Jesus veio a este mundo e morreu na cruz, no teu e no meu lugar.** Ele sofreu a morte que todos nós merecíamos. E o mais

maravilhoso é que Jesus garantiu-nos a salvação, através da Sua morte. **É incrível como o nosso Criador Se dispôs a deixar o Céu e a vir a este mundo morrer por nós.** Jesus não precisava de fazer isso. Afinal, Ele era, e é, perfeito. Mas Jesus decidiu fazê-lo, só porque nos ama... e **Ele ama-nos mesmo muito!**

E sabes Quem é o nosso Mediador, o nosso Sacerdote nesta Nova Aliança?

Talvez estes versículos te ajudem a descobrir.

- “Cristo é o mediador de uma Nova Aliança, para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate...” (Hebreus 9:15.)
- “Ele entrou nos Céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor” (Hebreus 9:24).
- “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos...” (1 Timóteo 2:5 e 6.)

## **Sim, já descobriste, Jesus é o nosso Mediador!**

Jesus ressuscitou e agora é o nosso Sumo-Sacerdote, o nosso Representante. Isto quer dizer que agora eu não preciso de estar preocupada em oferecer sacrifícios pelos meus pecados, porque o sacrifício já foi feito pelo meu Amigo Jesus.

O mais inacreditável nesta Nova Aliança é que cada um de nós tem acesso direto a Deus e não precisa mais de sacerdotes humanos. **A Nova Aliança abre-nos um novo caminho, um acesso a Deus, através do nosso Sacerdote, Jesus.**

**“Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo” (Efésios 2:13).**

Amigo, é mesmo bom termos acesso direto a Deus e saber que Ele está disposto a ouvir-nos e a oferecer-nos o Seu perdão. **É um descanso saber que Jesus intercede por nós perante o Pai.**

Então, com esta Nova Aliança compreendemos que o sangue de Jesus nos lava e nos purifica de todos os nossos pecados. **Amiguinho, Jesus quer restaurar-nos e fazer de nós novas pessoas.** Deixa-O fazer esta obra no teu coração e na tua mente, para que possas ser mais semelhante a Ele. Deixa-O fazer esta mudança radical na tua vida. **Abre-Lhe a porta do teu coração, e permite que Ele te transforme.**

Hoje, com esta Nova Aliança, eu tenho uma visão mais clara do Plano da Redenção e posso compreender melhor o que Jesus fez por mim, e continua a fazer, só para me salvar. **E como resposta a esse amor, posso obedecer-Lhe e guardar a Sua Lei com alegria.**

**“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis no seu coração e as escreverei na sua mente” (Hebreus 10:16).**

**Amiguinho, é pela graça que somos salvos, mas não foi de graça. Lembra-te disso! Custou a morte do nosso querido Jesus!**

Então, aceita-O como Rei e Senhor da tua vida. **Entrega-te a Jesus cada manhã e faz d'Ele o teu melhor Amigo.** E não te esqueças de Lhe agradecer tudo o que Ele já fez por ti.

**Jesus está quase, quase, a voltar. Ele vem buscar-nos e vai levar-nos com Ele, e assim viveremos eternamente ao Seu lado.**

Ah, eu já sonho com esse dia, há muito, muito, muito tempo. Já imaginei, muitas vezes, o momento em que correrei para os Seus braços, para Lhe agradecer por ser tão meu Amigo, ao ponto de morrer naquela cruz, só para salvar alguém tão miserável como eu. **Realmente, eu não merecia; mas Ele é apaixonado por mim, e por ti.**

**Ele ama-nos muitíssimo!**

**E tu? Também queres fazer essa corrida comigo para os braços de Jesus?**



Então marcamos encontro junto aos portões da Cidade Celestial, a Nova Jerusalém. Combinado?

**Não te esqueças de partilhar esta Nova Aliança com os teus amiguinhos.** E conta-lhes o acordo que fizemos e convidamos-os a virem connosco!

“Através deste concerto pertencia-lhes a bênção que o Céu podia conceder para esta vida e para a futura. Este ato de concerto devia ser ratificado com o sangue de Cristo.”  
– Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2017, p. 604.



## ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

# A Nova Velha Aliança

Ao folhearmos as páginas do livro *Patriarcas e Profetas*, no capítulo intitulado “A Lei e os Concertos”,<sup>1</sup> vamos encontrar o testemunho mais extenso que a autora dedicou ao tema das alianças.

Neste capítulo, Ellen G. White apresenta a “Nova Aliança”, assim designada no Novo Testamento, como a mesma primeira aliança que Deus estabeleceu com o ser humano. Ela é também designada como sendo a “aliança edénica”, aliança que foi estabelecida entre Deus e o primeiro casal, após o seu afastamento do plano divino para a Humanidade. Esta aliança de perdão “oferecia a todos os homens perdão e a graça auxiliadora de Deus para a futura obediência mediante a fé em Cristo”.<sup>2</sup> Séculos mais tarde, foi igualmente restabelecida com Abraão, o pai da fé.

Para Ellen G. White, a “Nova Aliança”, como tudo o que diz respeito a Deus, é uma aliança tão eterna quanto a assim chamada “Velha Aliança”. Diferem entre si, não no seu conteúdo e no seu objetivo, mas na disposição do povo de Deus em relação a ambas.<sup>3</sup>

Já o profeta Jeremias previa essa alteração de disposição e o surgimento

do desejo de uma nova experiência com Deus, no futuro, quando escreve: “Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas escreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo... pois perdorei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei” (31:33 e 34). Para Ellen G. White, a diferença não é tanto histórica, como experiencial.<sup>4</sup> A Lei dada no Sinai, a mesma que tinha sido prometida a Abraão pela promessa: “Em ti serão benditas todas as nações da terra” (Gênesis 22:18), não é outra senão a Lei que o Espírito Santo deseja escrever no nosso coração, e que só poderia ser concretizada com a morte de Cristo, para Quem apontava a “Velha Aliança”.

No Sinai, quando Deus ratificou por escrito as Suas Leis com o Seu Povo, a resposta foi: “Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos” (Êxodo 24:7). Na sua humanidade, o povo hebreu pensou que seria capaz de obedecer, sem entender quão frágeis e débeis são as promessas e as intenções humanas. Daí que Ellen G. White tenha escrito: “As condições do ‘velho concerto’ eram: Obedece e vive... O ‘novo concerto’ foi estabelecido com melhores promessas: promessas de perdão dos pecados, e da graça de Deus para renovar o coração, e levá-lo à harmonia com os princípios da Lei de Deus.”<sup>5</sup>

**1** Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2021, pp. 359-370.

**2** *Idem*, p. 366.

**3** *Idem*, pp. 359 e 360.

**4** Herbert E. Douglass, “Alianças entre Deus e o Seu Povo”, in *Enciclopédia de Ellen White*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018, p. 648.

**5** Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2021, p. 368.





## *Vida e obra do Pastor Joaquim Maria Casaquinha*

—  
Pedro Casaquinha

### **Primeiros anos e conhecimento do Evangelho**

Na pitoresca aldeia do Monte da Pedra, pertencente ao Distrito de Portalegre e ao Concelho do Crato, nascia, a 17 de janeiro de 1940, o meu querido pai, Joaquim Maria Casaquinha. Era o segundo filho de um modesto casal, Manuel Casaquinha Leocádio e Maria Adelaide.

O seu primeiro contacto com a Palavra de Deus deveu-se ao seu gosto pelo estudo.

Talvez com os seus 14 ou 15 anos, quando trabalhava com o seu pai numa herdade em Aldeia Velha de Santa Margarida, conheceu um senhor, empregado permanente da herdade, mas com problemas visuais, que costumava ler todas as manhãs. Joaquim Casaquinha, vendo a dificuldade do senhor José, e tendo a vontade de pôr as suas mãos em novo material de leitura, ofereceu-se para o ajudar a ler. Pois bem, a leitura não era mais do que a Lição da Escola Sabatina e a Bíblia. O certo é que o jovem Casaquinha se interessou pelo estudo da Bíblia e o senhor José ofereceu-lhe um estudo bíblico da Rádio Postal. O estudo da Bíblia permaneceu, ao ponto de Joaquim ter dado testemunho às suas irmãs e aos seus pais, tendo, mais tarde, toda

No trabalho de pedreiro.





À porta da igreja do Porto – 1964. Primeiro prémio no curso de Colportagem.



Em Collonges, com a sua esposa, Fernanda – 1969.

a família recebido o apoio do Pastor Falcão e do seu filho, Tito Falcão, já em sua casa, na Comenda do Gavião. Toda a família veio a entregar-se a Jesus, mas não Joaquim (ainda não...), pois outras aventuras o aguardavam.

Entretanto, depois de Joaquim Casaquinha se mudar para Lisboa, o irmão Joaquim Mateus, da igreja de Lisboa-Central, veio convidá-lo a assistir a uma Semana de Oração de Jovens, em março de 1960. Desde essa altura, nunca mais deixou o estudo da Bíblia, tendo frequentado a sua “mui amada” igreja de Alvalade. Finalmente, encontrava um verdadeiro motivo de esperança e um válido objetivo para viver e estudar.

No ano de 1962, foi batizado pelo Pastor Victor Martinez. Foi também nesse ano que, ao ouvir um apelo feito pelo Pastor Armando Casaca, aceitou entregar a sua vida ao Ministério. Na altura, já estudava à noite, tendo feito as várias fases do Ensino Secundário. Ao mesmo tempo, também frequen-

tou, de 1964 a 1966, o Curso Bíblico ministrado na sede da UPASD. Durante esse tempo de estudos, colportou, não só em várias cidades da metrópole, mas igualmente em Cabo Verde e na Guiné-Bissau.

Numas Assembleias ocorridas em Lisboa, no ano de 1963, vem a conhecer aquela que seria a sua “companheira de jornada”, Fernanda, tendo o namoro começado em agosto de 1964. Casaram-se em setembro de 1968.

### **Primeiras igrejas e estudos na Universidade Andrews**

Joaquim Casaquinha estudou no Seminário Adventista de Collonges de 1967 a 1970. Depois desse período, já casado, teve uma frutuosa experiência de colportagem na Suécia e estudou inglês no *Newbold College*. Recebeu a responsabilidade de cuidar das igrejas de Oliveira do Douro e Avintes no ano de 1971. Durante este período de trabalho, teve o privilégio de contribuir para a abertura da igreja



Colportagem na Guiné-Bissau.

Batismo do filho, Pedro – janeiro de 1986.

Adventista do Sétimo Dia de Vila Nova de Gaia. Também houve a necessidade de se avançar com a abertura da Escola Primária de Oliveira do Douro, ainda nas instalações do Templo, depois de muitas dificuldades, e da intervenção de Deus, para se obter as devidas autorizações. Entretanto, iniciaram-se as primeiras obras das instalações do (futuro) CAOD – Colégio Adventista de Oliveira do Douro. Deu-se o nascimento do seu único filho durante o período em que pastoreava estas igrejas. De 1975 a 1977, pastoreou as igrejas do Algarve, tendo posteriormente voltado a Colonges, para terminar a Licenciatura em Teologia.

Concluídos os estudos em Colonges, a família Casaquinha viajou para os Estados Unidos da América, para que Joaquim aprofundasse os estudos na Universidade Adventista de Andrews. Ali, além de fazer o Mestrado em Teologia, completou ainda um Mestrado em Saúde Pública.

### **Mais igrejas e outras responsabilidades**

Em 1980, foi colocado nas igrejas do Arquipélago da Madeira. Foram anos de muita atividade e de muito envolvimento, com ações de partilha da mensagem pela saúde, campanhas evangelísticas e abertura do Externato Adventista do Funchal.

Entre 1984 e 1990, Joaquim Casaquinha esteve no Distrito de Viseu, tendo cuidado das igrejas de Viseu, Carregal do Sal e dos grupos de São Cosme e Sernancelhe. Esse trabalho pautava-se pela proximidade e pelo contacto pessoal com as pessoas.

No Quinquénio de 1992 a 1997, foi responsável pelo Departamento da Escola Sabatina e Atividades Leigas da UPASD. Durante esse tempo, foi valorizado o envolvimento de uma série de irmãos e irmãs num plano de implementação de uma dinâmica para uma Escola Sabatina Infantil que envolvesse os meninos e as meninas em decisões por Jesus.



Andrews University



Monte da Pedra – Com o seu pai e as suas irmãs.

Depois dessa experiência, o Pr. Joaquim Casaquinha foi colocado nas igrejas de Almada, Corroios e Seixal. Também passou por igrejas como Odivelas, a sua amada igreja de Alvalade, Portela de Sacavém, Galinheiras, Amadora, Reboleira, Brandoa, Queluz, tendo ainda a bênção de ver nascer a igreja da Póvoa de Santo Adrião e a igreja de Aigualva-Cacém.

### Reforma e doença

Tendo eu a minha família já instalada em Viseu, o meu pai e a minha mãe vieram para cá, para viver nesta região, onde se instalaram para o período da reforma. Ainda assim, nessa época o meu pai foi desafiado a ajudar a cuidar das igrejas de Carregal do Sal e Arganil, o que aconteceu durante mais um Quinquénio.

Em outubro de 2020, foi-lhe diagnosticado cancro no intestino. Durante esse período, fui testemunha da calma e paciência com que enfrentou todas as fases da doença, até ao tratamento paliativo. Em todas as

visitas ao hospital de dia, para realizar tratamentos, procurava entregar o livro missionário, ou folhetos, encorajando os profissionais de saúde e os outros doentes.

Já em casa, recebendo a Equipa de Cuidados Paliativos, era ele que pedia aos médicos e enfermeiros que pudessem juntar-se-lhe em oração, em favor da sua importante vocação, facto que alguns me confidenciaram ter sido marcante na sua vida.

### Conclusão

No dia 6 de fevereiro de 2023, perdi o meu pai. Agora, só disponho das memórias...

O que é eterno? Quem será eterno? Só Deus é eterno!

Eu perdi o meu pai, o meu querido pai. No entanto, posso encontrar refúgio no Pai Celestial, no Pai da vida eterna. Ele está aqui comigo, enxugando as minhas lágrimas e lembrando-me de que logo, logo, poderei estar fisicamente com o meu pai.

*Maranatha, Cristo logo vem!*



## **Congresso Europeu de Centros de Estilo de Vida reuniu-se em Coimbra**

**07 jun 2023** Paulo Sérgio Macedo, Diretor de Comunicação da EUD

O *European Congress on Adventist Lifestyle Centers* teve lugar em Coimbra, de 30 de maio a 3 de junho, reunindo 226 participantes, vindos de todo o mundo, para discutir o papel, o funcionamento e as oportunidades de missão abertas pelos Centros de Estilo de Vida orientados pela mensagem Adventista de saúde.

Durante os dias do Congresso, os participantes tiveram a oportunidade de assistir a apresentações sobre a mensagem de saúde Adventista e o papel dos Centros de Estilo de Vida, bem como participar em painéis e *workshops* sobre aspetos mais práticos ligados à fundação, ao desenvolvimento e ao funcionamento destes estabelecimentos.

Os Centros de Estilo de Vida são uma ferramenta de grande valor para a mensagem e a prática de saúde Adventistas, na medida em que, para além de tratamentos adaptados a cada pessoa, ensinam hábitos saudáveis a todos os que deles beneficiam. Ted Wilson, Presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, enfatizou o papel

missionário destes Centros, ao cumprirem o propósito de dar relevo à saúde no quadro da mensagem dos três anjos, em particular a mensagem do terceiro anjo.

“Os Centros de Estilo de Vida são um dos métodos de Deus para alcançar as grandes cidades do mundo”, afirmou Ted Wilson. “As pessoas podem vir em busca de renovação, de uma mudança completa de estilo de vida. É uma maneira importante de as pessoas verem os Adventistas do Sétimo Dia num ambiente de apoio e cuidado, que estão a ajudá-las a enfrentarem os seus desafios, especialmente na área da saúde”, acrescentou.

Os Centros de Estilo de Vida são instrumentos muito úteis para a promoção da saúde e como forma de primeiro contacto com as pessoas e as Comunidades em que se inserem. Por esse motivo, num ambiente secular como é o seu, a Divisão Inter-Europeia está comprometida no apoio a estes Centros, bem como aos Ministérios de Apoio que, geralmente, os trazem à existência.

“O nosso objetivo é melhorar a vida das pessoas e levá-las a conhecerem a mensagem completa”, afirmou Mário Brito. “A saúde das pessoas está a piorar cada vez mais. As pessoas estão à procura de soluções. Agora é a hora de vir e ajudar as pessoas.”

“Fico impressionado com a quantidade de pessoas aqui. Isso demonstra interesse. Estamos muito felizes com a grande resposta que temos”, afirmou Norbert Zens, Tesoureiro da Divisão Inter-Europeia. Ele também mencionou a ajuda dos Ministérios de Apoio à mensagem de saúde da Igreja. “Que-



remos ajudar os membros a melhorarem a sua contribuição e trabalhar em conjunto com eles.”

O Congresso teve lugar no Convento de São Francisco, um monumento do Século Dezassete situado na histórica cidade de Coimbra, na região centro de Portugal. A pouco mais de 30 quilómetros do local situa-se a *Clínica Vita Salus*, um Centro de Vida Saudável cujos primeiros passos contam quase duas décadas. Os participantes no Congresso tiveram a possibilidade de visitar o Centro na tarde de quarta-feira e ficar a conhecer as instalações, os métodos de trabalho e os resultados práticos na vida das centenas de pessoas que por ele têm passado.

Viriato Ferreira, Diretor do Departamento dos Ministérios da Saúde

e Diretor da *Clínica Vita Salus*, afirmou que “o papel de um Centro de Estilo de Vida é oferecer às pessoas, Adventistas e não-Adventistas, a oportunidade de retornarem a uma experiência de fortalecimento, em primeiro lugar, do seu relacionamento com Deus; em segundo lugar, do seu relacionamento com os outros; e, finalmente, com o próprio corpo. Isso envolve dieta, exercício, exposição à luz solar e também a cura de relacionamentos”.



## NOTÍCIAS NACIONAIS



### Jovens por Jesus 2023: “Eu Vou” na Ribeira Grande

31 mai 2023 | Roberto Marques, Pastor

No domingo 28 de maio, foi vivida mais uma atividade do projeto de evangelização “Eu Vou” na Ilha de São Miguel. Este projeto, que nasce da

colaboração entre a UPASD e a ASI Portugal, tem sido implementado pela equipa do Jovens por Jesus e pela igreja de Ponta Delgada, com o objetivo de criar uma presença Adventista na cidade da Ribeira Grande. Juntos, temos utilizado uma abordagem de evangelismo relacional, isto é, ministrar às necessidades das pessoas, ganhar a sua confiança e apresentar-lhes Cristo.

Nesse sentido o *Workshop* de culinária, que teve como interveniente principal a irmã Cesaltina Lopes, da igreja de São Roque do Pico, foi mais um passo na boa direção. Tivemos, no total, 40 participações, das quais 29 eram de

não-Adventistas. Esta sessão insere-se na sequência de atividades já realizadas na região. Ao longo deste projeto nem sempre temos obtido os resultados desejados. No entanto, a perseverança, juntamente com o planeamento realizado, o esforço de todos os envolvidos e a ação do Espírito, tem permitido conhecer avanços significativos na região.

O trabalho continua, um dia de cada vez, estando a equipa motivada para partilhar o amor de Deus. A próxima grande etapa será o acampamento do “Jovens por Jesus”, a realizar-se, pela segunda vez consecutiva, na Ribeira Grande, o que permitirá cimentar os ganhos já conseguidos.



## Batismos em Almada

**12 jun 2023** | Pr. Paulo Lima, Primeiro Ancião da IASD de Almada

O dia 10 de junho do corrente ano não foi apenas o Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas para os membros da igreja Adventista do Sétimo Dia de Almada. Foi também o dia em que mais almas se entregaram a Cristo e proclamaram a sua decisão de serem cidadãos do Reino de Deus. De facto, realizou-se, na tarde desse Sábado, uma bela cerimónia batismal, que trouxe alegria ao coração de todos os que a ela assistiram.

Cinco novos crentes vieram reforçar o efetivo de membros da igreja de Almada. Dois jovens – Paulo Jorge Jesus

e Evanilson Jesus – foram batizados com o uniforme dos Desbravadores e deram o seu testemunho sobre a importância dos Clubes para a formação espiritual da nossa Juventude. Duas senhoras – Francisca Miguel e Arsénia Venâncio – testemunharam sobre o poder da mensagem Adventista, sendo que Francisca tinha uma longa experiência como Testemunha de Jeová e Arsénia fora membro de uma Igreja Evangélica durante muitos anos. Finalmente, o irmão Camilo Moraes voltou a ser membro de pleno direito da Igreja Adventista do Sétimo Dia pelo rebatismo.

A cerimónia foi concebida e oficiada pelo Pastor Jorge Duarte, responsável pela igreja de Almada, coadjuvado pelos seus anciãos. No momento do apelo, feito a partir do batistério pelo Pastor oficiante, três jovens manifestaram publicamente o desejo de se batizarem num futuro breve. Elas foram imediatamente contactadas para começarem a estudar a Bíblia com o Ancião Rúben Lima.

Entretanto, sabemos que muito em breve teremos outra cerimónia batismal, pois a classe bíblica da igreja de Almada conta presentemente com seis alunos interessados, que estão a receber estudos bíblicos para se prepararem para o batismo.

É assim que a igreja de Almada procura obedecer à Grande Comissão que foi deixada por Jesus Cristo aos Seus discípulos: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19, *ARA*).

*Maranatha!*



*Aprofunde o seu  
conhecimento da Bíblia com o*  
**“COMENTÁRIO BÍBLICO”**



**37€**

CADA EXEMPLAR

COMPRA *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870